

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL**

Mariana Hollweg Dias

Dissertação

**SOBRE O ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO
Reflexões a partir da Psicanálise e da Utopia**

Porto Alegre

2009

Mariana Hollweg Dias

SOBRE O ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO
Reflexões a partir da Psicanálise e da Utopia

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Edson Luiz André de Sousa

Porto Alegre

2009

Mariana Hollweg Dias

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação “Sobre o Esporte de Alto Rendimento: reflexões a partir da Psicanálise e da Utopia” como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Dissertação defendida e aprovada em: 28/04/09

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Maria Cristina Poli (UFRGS)

Profa. Dra. Claudia Maria Perrone (UFSM)

Prof. Dr. Pedro Jose Winterstein (UNICAMP)

Dedico este trabalho a meus pais, Luiz Antonio e Clarisse.
Porque o esporte faz parte de suas vidas, da minha e da história que nos enlaça.
Porque me apoiaram incondicionalmente desde as primeiras braçadas até
este momento em que me faço escritora de minhas ideias. Porque tudo até agora
valeu a pena.

Agradecimentos

Ao Huend, meu amor, que soube compreender os momentos de ausência, escutar-me e incentivar-me sempre. Seu apoio foi fundamental.

A toda minha família que sempre me apoia, vibra e chora comigo e que é a base de tudo. Neste momento agradeço especialmente à Cati, tia querida, que nesses dois anos de idas e vindas a POA sempre me recebeu em sua casa com muito carinho e hospitalidade dividindo comigo as dores e as alegrias desse percurso.

Ao Marcelo, ex-treinador e para sempre amigo, figura importantíssima da minha história que impulsiona esta pesquisa.

À Márcia, colega, amiga, incentivadora e interlocutora nas andanças pelos caminhos que fazem encontrar a Psicologia com o esporte.

Ao Volnei que, pela escuta, pelo que diz e pelo que cala, tem uma importância incomensurável.

Aos meus professores do PPGPSI que alimentaram meu espírito questionador e desassossegado contribuindo muito para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

Ao Edson, meu orientador, a quem agradeço especialmente por ter me incentivado a fazer do esporte o tema dessa pesquisa e por ter me apresentado às Utopias.

Aos meus colegas de mestrado, em especial aos colegas do LAPPAP, Paulo, Renata, Cristiane e Lourdes. Os bons momentos que vivemos juntos ficarão para sempre comigo mesmo que o rumo de nossas vidas não permita a convivência como desejaríamos. Aprendi muito com vocês.

Aos professores da banca examinadora que se dispuseram a avaliar o trabalho e discuti-lo comigo proporcionando-me um momento muito rico de aprendizagem e troca.

A primeira virtude do conhecimento é ser capaz de enfrentar o que não é
evidente por si.
(Jacques Lacan)

... o indizível não está escondido na escrita, é aquilo que muito antes a
desencadeou...
(Georges Perec)

Resumo

Esta dissertação busca fazer uma análise a respeito do esporte de alto rendimento a partir dos referenciais teóricos da Psicanálise e dos Estudos Utópicos. As práticas esportivas estão diretamente relacionadas ao contexto histórico social e cultural em que estão inseridas e, sendo assim, o trabalho parte do princípio de que a lógica do esporte de alto rendimento na contemporaneidade reverbera a lógica do laço social. A exigência da "alta performance" sempre, a busca por ultrapassar limites, a extrema competitividade e seletividade, a busca de um corpo perfeito são algumas das características de nossa época que estão fortemente presentes no discurso do esporte de alto rendimento e que muitas vezes são fonte de padecimento para os sujeitos, atletas ou não. Apesar disso, o esporte ainda tem muito a contribuir na nossa sociedade, e a aposta deste trabalho é no que foi chamado *utopia esportiva*, que preconiza o acento na busca da superação mais do que o resultado final necessariamente no lugar mais alto do pódio.

Palavras-Chaves: esporte de alto rendimento, utopia, psicanálise, psicologia do esporte.

Abstract

This thesis aims to make an analysis about the sports of high performance from the theoretical references of Psychoanalysis and Utopian Studies. Sports are directly related to the historical social and cultural context in which they are embedded and thus, such work is assuming that the logic of sports of high performance reverberates the contemporary logics of social bond. The neverending requirement of 'high performance', the search for overcoming limits, the extreme competitiveness and selectivity, the search for a perfect body are some of the characteristics of our time that are strongly present in the speech of sports of high performance and are often a source of suffering for the subjects, athletes or not. Nevertheless, sports still have much to contribute to our society, and the bet of this reflection is on what was called *sports utopia*, which advocates the emphasis on overcoming limits more than in the final result necessarily in the highest podium placings.

Keywords: sport of high performance, utopia, psychoanalysis, psychology of sport.

Sumário

| | |
|--|----|
| “Balizamento” para uma introdução | 9 |
| Cap. 1 - “Às suas marcas...” Esporte e Laço Social | 18 |
| 1.1 Inglaterra: berço do esporte moderno | 19 |
| 1.2 O capital figura ao lado do esporte | 26 |
| 1.3 Críticas ao esporte de alto rendimento | 34 |
| Cap. 2 - “101%” Impotência ou Impossibilidade? | 39 |
| 2.1 Realização Narcísica - a via imaginária | 40 |
| 2.2 A questão do mito | 42 |
| 2.3 Ideal do eu - a via simbólica | 50 |
| 2.4 Impotências e impossibilidades – o lugar do sujeito atleta | 54 |
| Cap. 3 - “Arete” A utopia esportiva | 67 |
| 3.1 Utopias | 67 |
| 3.2 Potencial utópico do ideal esportivo | 69 |
| 3.3 A utopia tecnicista | 72 |
| 3.4 A metáfora maquinal no esporte | 76 |
| “ <i>Sprint final</i> ” Conclusão? | 85 |
| Referências Bibliográficas | 89 |
| Fig. 1- Braços Múltiplos (1982). Stelarc | 96 |
| Fig.2 – Oscar Pistorius | 96 |

“Balizamento”¹

Para uma introdução

De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos, e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Há momentos na vida onde a questão de saber se é possível pensar diferentemente do que se pensa, e perceber de forma diferente da que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. (FOUCAULT, 2006, p. 197).

Ocupava o mais alto lugar no pódio, tinha no peito a medalha de ouro, mas isso já não era mais o suficiente. Diante do olhar orgulhoso de minha mãe, mediado por uma filmadora que me indagava sobre os louros da vitória, a resposta vinha em forma de lágrimas: “Ganhei, mas não bati o recorde”. Essa foi uma das marcantes passagens da minha vida de atleta na adolescência, uma cena que, aliás, repetia-se com frequência denotando a vivência sempre conflitante no mundo do esporte de alto rendimento²: a alegria efêmera da vitória que traz consigo a angústia de manter-se nesse lugar, seguida sempre pelo desejo de superação o qual insiste em apontar que a realização estará mais adiante, que ainda falta.

Essa experiência de ser atleta e a vivência intensa no meio esportivo, desde

¹ Em competições esportivas, como nos campeonatos de natação ou de atletismo, usa-se o termo “balizamento” para indicar a raia ou o bloco de partida que será usado por cada atleta no momento da prova. É usado aqui como metáfora já que a introdução de uma dissertação se propõe justamente a “balizar” o assunto da pesquisa.

² Bracht (1997) propõe que classifiquemos as atividades esportivas como esporte de alto rendimento ou esporte espetáculo e esporte enquanto atividade de lazer. Nesse último, os motivos para a prática estão ligados à saúde, ao prazer, à socialização. Naquele, como o próprio nome sugere, a meta é a maximização do rendimento, a busca constante por ultrapassar limites, quebrar recordes.

a infância, marcou de muitas formas a minha vida. Influenciou certamente uma das escolhas de atuação profissional, o trabalho como psicóloga de equipes esportivas, e impulsiona, neste momento, a pesquisa de mestrado. Ao falar da dificuldade inerente aos começos, especialmente no que tange à questão da pesquisa, Lancri aconselha a começar “Muito simplesmente pelo meio. (...) Do meio de uma prática, de uma vida, de um saber, de uma ignorância. Do meio desta ignorância que é bom buscar no âmago do que se crê saber melhor.” (2002, p.18). Então, é a partir daí, do meio de uma vivência e de uma prática que busco lançar as questões desta pesquisa que giram em torno do esporte de alto rendimento e suas relações com a cultura.

Em uma bela passagem do poema chamado “A exceção e a Regra”, Brecht (1956) insiste: “Estranhem o que não for estranho, tomem por inexplicável o habitual, sintam-se perplexos ante o cotidiano.” Conselho útil ao pesquisador a quem cabe desnaturalizar o objeto de pesquisa, complexificar uma experiência, olhar de outra maneira, e é esse o meu intuito ao falar deste velho conhecido, o esporte. Justamente por isso não resisti em colocar a citação de Foucault - tantas vezes já usada! - como epígrafe dessa introdução, já que ela diz muito de minha posição como pesquisadora. Vivo o esporte desde sempre e buscar pensá-lo por um viés outro, articulando-o com a maneira como entendo o sujeito e sua relação com a cultura, é para mim, neste momento, *indispensável para continuar a olhar ou a refletir*.

Nesse sentido, encontro em Fonseca et al. justamente o desafio que trago para este trabalho quando afirmam que na pesquisa trata-se de “fazer renascer o objeto livrando-o sutilmente dos discursos anteriores e inaugurando-o através de nova estética argumentativa.” (2006, p.656). É meu objetivo articular as discussões

sobre o esporte de alto rendimento na contemporaneidade com a psicanálise e os estudos utópicos, relação ainda pouco explorada no meio acadêmico.

O surgimento do esporte de alto rendimento, tal como o conhecemos hoje, remonta à Europa do início do século XIX, estando certamente ligado ao contexto social, econômico e cultural daquela época. Desde então, o papel que ele ocupa na sociedade e a maneira como isso nos subjetiva têm uma especificidade em cada momento histórico. Sem dúvida o esporte é um grande fenômeno social do nosso século no que diz respeito tanto a aspectos sócio-culturais e políticos quanto econômicos. Podemos verificar sua inserção em diversos domínios da sociedade através de sua influência na televisão, na publicidade, na moda, no culto dos heróis, no modelo social orientado ao estilo de vida esportivo e em tantas outras dimensões.

Minha pesquisa parte da premissa de que a lógica do esporte de alto rendimento reverbera a lógica do laço social contemporâneo. A psicanálise, desde os primórdios, ensina-nos que nos constituímos como sujeitos em uma relação de alteridade com o outro, logo pensar o sujeito na contemporaneidade implica levar em conta as especificidades do laço social que nos une. Há algo no discurso desse tipo de prática esportiva que diz da maneira como nossa sociedade está estruturada e como o sujeito se constitui nesse laço. Freud, em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1922), já afirmava que não há separação possível entre psicologia individual e psicologia social.

É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável nas palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social. (1996, p.81).

Dessa forma, a cena cara ao meu baú de lembranças com que abro essa

discussão diz de uma vivência da busca inesgotável pelo resultado ideal, da efemeridade da alegria, desde “ainda falta” que toma corpo na relação com o esporte, mas que certamente tem lugar também na vida de não-atletas. Vivemos em uma época que nos exige “alta performance” o tempo inteiro, é como se todos almejassem o lugar mais alto no pódio na corrida por um emprego e na tentativa de mantê-lo, na possibilidade de consumo de todos os objetos “essenciais” a todo momento anunciado pela mídia, na busca frenética para adequar-se aos padrões de beleza, etc. Este “ainda falta” vivenciado no esporte, essa performance que nunca é boa o suficiente já que, após a sua comemoração, há de se pensar no novo limite a ser ultrapassado, está presente no nosso laço social como um todo, sendo potencialmente fonte de padecimento do sujeito contemporâneo.

Nesse sentido, estudos que se propõem a pensar o esporte na sua relação com a cultura apontam o quanto os valores da sociedade capitalista têm impregnado a vivência esportiva. (REGIS, 2004; RUBIO, 2001, 2002a, 2002b, 2006; SANTIN, 1994; SILVA, 1996; VALLE, 2003; VAZ, 2000). Essa afirmativa fica evidente especialmente quando pensamos na mercadoria “esporte-espetáculo” e todo o *marketing* feito em cima dele. É inegável que o esporte é responsável por uma grande movimentação de capital em todo o mundo, envolvendo patrocínio e fabricantes de materiais ou tecnologia nessa área. Ele também foi coadjuvante da rivalidade entre leste e oeste europeus durante boa parte da segunda metade do século XX, na chamada “guerra fria” e continua até hoje tendo um forte peso político. Dessa forma, o esporte configura-se como cenário que permite refletir sobre importantes questões da contemporaneidade como a competitividade, a seletividade, o lugar de destaque que assume a imagem e, em especial, o lugar do corpo assujeitado à técnica. O ideal de rendimento e perfeição imposto ao corpo do

atleta - e que para alcançar o seu objetivo tem todo o desenvolvimento tecnológico a seu lado - expressa-se nos “simples mortais” em busca do corpo perfeito, tema que tem sido bastante explorado. Como aponta Fernandes, “o corpo é hoje hiperinvestido, porém freqüentemente apontado como fonte de frustração e sofrimento, constituindo-se como meio de expressão do mal-estar contemporâneo.” (2003, p.14).

É importante deixar claro que neste trabalho não busco condenar ou exaltar a prática esportiva de alto rendimento. Como atleta que fui, consigo identificar o lado “opressor” desse meio, como citado pelos autores acima, bem como os inúmeros benefícios e prazeres advindos por quem faz essa escolha. É preciso sim se dedicar muito a um treinamento extremamente regrado; abrir mão de alguns outros prazeres na vida; aguentar as inevitáveis dores. como consequência de levar o corpo ao seu limite; lidar com pressões, para que se obtenha o melhor desempenho, vindas dos outros e de nós mesmos; sofrer a cada vez que um objetivo não é alcançado. Por outro lado, vive-se a imensa alegria de fazer uma atividade que dá prazer, treinar é prazeroso. Vibrar com objetivos alcançados, superar-se, traçar metas e saber lidar com os percalços inevitáveis ao longo do caminho são experiências riquíssimas de crescimento pessoal. Viajar, conhecer muitas pessoas que dividem o mesmo gosto pelo esporte, conhecer lugares e culturas diversas são alegrias fruto do envolvimento com a competição. Nesse sentido, já produzi diversos trabalhos baseados na experiência da escuta tanto de atletas em formação como esportista de alto rendimento.³

³ DIAS, Mariana Hollweg ; TEIXEIRA, Marco . Psicologia do Esporte e jovens tenistas: relato de uma experiência. **Psico** (PUCRS), Porto Alegre, v. 37, n. nº 2, p. 191-198, 2006.

DIAS, Mariana Hollweg ; TEIXEIRA, Marco . Estudo exploratório sobre o abandono do esporte em jovens tenistas. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, web, 28 maio 2007.

Minha questão então seria: Há resistência possível quanto a um apelo à minimização da condição desejante do sujeito potencialmente presente no discurso de alto rendimento?

Em meu trabalho como psicóloga de uma equipe infanto-juvenil de tênis, tem sido um constante desafio a construção de uma intervenção calcada no entendimento do sujeito como sujeito do inconsciente. Nessa área de atuação, a psicologia tem se feito presente basicamente com o uso de teorias oriundas de uma ciência positivista, que minimizam o sujeito, muitas vezes reduzindo sua prática à aplicação de técnicas destinadas a melhorar a capacidade cognitiva de variáveis, como atenção e concentração, com intuito de colaborar com a melhora da performance. O atleta que tem o corpo considerado como máquina também tem a mente considerada como sendo programável. Dessa forma, o psicólogo muitas vezes acaba entrando no plano de treinamento para auxiliar o "atleta-herói" com "corpo/mente- máquina" e não o "sujeito-atleta".

A vertente da pesquisa psicanalítica chamada extramuros ou em extensão é a base metodológica desta pesquisa. Rosa define a psicanálise extramuros ou em extensão como “uma abordagem – por via da ética e das concepções da psicanálise – de problemáticas que envolvem uma prática psicanalítica que aborda o sujeito enredado nos fenômenos sociais e políticos, e não estritamente ligado à situação do tratamento psicanalítico”. (2004, p.1).

É o próprio criador da psicanálise que nos aponta a possibilidade da pesquisa psicanalítica aplicada, como chamava, deixando claro, desde o início, que o campo da psicanálise não se restringe à psicopatologia e ao tratamento. Em

importantes textos como *Totem e Tabu* (1913), *Psicologia de Grupos e Análise do Ego* (1921) e *Mal-estar na Civilização* (1930), entre muitos outros, Freud faz uso de fenômenos coletivos para compreender processos individuais, mostrando, a todo o momento, o quanto o sujeito se constrói na relação com o social.

Para Birman (1993), é difícil pensarmos uma contraposição entre o que seria a psicanálise aplicada e a psicanálise pura. Ainda que ele defenda o processo psicanalítico como condição ideal para a investigação psicanalítica, admite a importância da relação da psicanálise com outros saberes, repensando as questões por eles lançadas no seu espaço teórico e com sua linguagem conceitual.

Tanto Freud como Lacan sempre articularam a psicanálise com outras ciências e pensaram as relações do sujeito com a sociedade. Isso só é possível porque aquilo com que a psicanálise trabalha no *setting* analítico, o campo do inconsciente “...está presente como determinante nas mais variadas manifestações humanas, culturais e sociais. O sujeito do inconsciente está presente em todo enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação que o transcende.” (ROSA, 2004, p.7). Para Silva (1996), a psicanálise como método de pesquisa se sustenta

(...) sempre que há interpretação das forças subjacentes a uma experiência humana, ou seu produto, quer ela se apresente como uma relação entre pessoas, ou como uma reação individual com qualquer coisa produzida pela mente humana. O importante é que se trate dessa busca da determinação desconhecida, e não da representação convencional e lógica, passível de mensuração e demonstração. (p.87).

O trabalho está estruturado em três capítulos. No capítulo 1 – “*Às suas marcas...*” Esporte e Laço Social – procurei situar historicamente o surgimento do esporte moderno bem como as condições que possibilitaram a expressão atual do esporte de alto rendimento. Para essa escrita, busquei especialmente autores da

psicologia e da sociologia do esporte, fazendo dialogar com os textos reportagens recentes da mídia esportiva.

No capítulo 2 – “101%” Impotência ou Impossibilidade? – o tema principal é pensar o sujeito atleta frente ao discurso do esporte de alto rendimento a partir de aportes conceituais psicanalíticos. Tomo como ponto de partida o conceito de narcisismo, desdobrando-o nos conceitos de eu ideal e ideal do eu que fomentam a discussão em torno da dimensão imaginária e simbólica do feito atlético. Como imagens potentes para refletir sobre essas questões, faço uso de fragmentos da escuta de uma atleta e do livro “W ou a Memória da Infância” de Georges Perec.

No capítulo 3 – “Arete” A Utopia Esportiva – faço uma pequena revisão sobre a Utopia como uma corrente filosófica e as discussões em torno da utopia tecnicista para em seguida fazer um paralelo com o mundo dos esportes e propor a possibilidade de o que aponto como a utopia esportiva se sustentar apesar do papel desempenhado pela técnica. Notícias esportivas e a cena de um filme são recursos que utilizo para alcançar esse objetivo.

Em uma carta escrita à Lou-Salomé* em 1915, Freud contava sobre a publicação de alguns de seus artigos metapsicológicos referindo-se aos mesmos como “síntese incompletas como tudo que faço, mas que não deixam de trazer algum conteúdo novo”. (FERNANDES, 2003, p.58). Com essa humildade, ele se referia a textos que mais tarde seriam os pilares de sua teoria. A obra de Freud era sempre um projeto em construção, uma pesquisa que não buscava dar conta de uma vez por todas, e que tinha nisso, talvez, uma das maiores virtudes, já que nos permite estudá-la e recriá-la até hoje. Nesse sentido, a pesquisa psicanalítica vai ao

* ANDREAS-SALOMÉ, L. **Correspondance avec Sigmund Freud**. Paris: Gallimard, 1970.

encontro do pensamento utópico como método de pesquisa. A utopia nasce de uma crítica do presente, mas não aponta definitivamente para qual seria um final feliz, como coloca Sousa, a utopia cumpre “a importante missão de arrancar os sujeitos do pântano do senso comum, que institui os sentidos aos quais deveríamos nos curvar. A utopia tem aqui uma função de convite a imaginação”. (2002, p.27). Na bela definição de Sfez, “utopia é sempre um texto que subverte outros textos e semeia os imaginários”. (1996, p.29). Pois é justamente esse o espírito presente tanto na psicanálise como nos estudos utópicos que guiam esta pesquisa, afinal, como coloca Sousa

A utopia, nesta perspectiva, tem muito mais uma dimensão de subtração de um excesso de imagens e de sentido, exatamente como na interpretação psicanalítica, suspendendo as certezas do sujeito, do que prescrevendo novos códigos de conduta e projetos de felicidade. (2006, p.73).

Cap. 1

“Às suas marcas...”⁴

Esporte e Laço Social

Somente quando o nadador também partilha a situação dada, nada para a liberdade e ama as águas profundas. (BLOCH, 2006, p. 11).

A palavra esporte tem sido usada para caracterizar diferentes manifestações do movimento corporal, e autores têm tentado dar conta das especificidades utilizando classificações distintas. Elias (1992) diferencia o esporte de outros tipos de atividade física definindo-o como uma forma de confronto entre pelo menos duas partes, que exige esforços físicos e se realiza de acordo com regras que definem o limite da violência, a configuração e a dinâmica dos jogadores. A diferenciação proposta por Bracht (1997) contribui para a definição do que será o foco deste trabalho. O autor propõe que classifiquemos as atividades esportivas como *esporte de alto rendimento ou espetáculo e esporte enquanto atividade de lazer*. Neste, os motivos para a prática estão ligados à saúde, ao prazer, à socialização. Naquele, como o próprio nome sugere, a meta é a maximização do rendimento, a busca constante por ultrapassar limites, quebrar recordes, melhorar a performance.

Diversos autores (BRACHT, 1997; ELIAS E DUNNING, 1992;

⁴ Em competições esportivas, como por exemplo, na natação, essa frase é dita para que os atletas posicionem-se adequadamente no bloco de partida instantes antes de ser dado o toque da largada. Posiciono-me aqui a respeito de que esporte se trata nesse trabalho.

GUMBRECHT, 2007) apontam o quanto é falaciosa a construção de uma história do esporte linear ao longo dos tempos. Práticas de movimento corporal estiveram presentes nas mais diversas e antigas culturas ao longo da história da humanidade, no entanto, os contextos em que elas se inserem são tão diversos que é impossível pensar em uma continuidade histórica ainda que em alguns casos a forma dos jogos seja bem parecida.

(...) desportos e jogos são organizados e controlados, bem como observados e praticados, enquanto configurações sociais. Aliás, não se encontram socialmente separados e desinseridos sem relação com a estrutura mais vasta de interdependências sociais, mas intimamente entrelaçados, muitas vezes de forma complexa, com a estrutura da sociedade em geral e com a maneira como esse tecido é entrelaçado no âmbito da estrutura das interdependências sociais. (ELIAS, 1992, p.302).

Desse modo, a fim de articular o esporte de alto rendimento enquanto um discurso que diz do laço social contemporâneo é importante buscar compreender a gênese do esporte tal como o conhecemos hoje o que nos remete à Inglaterra no período da Revolução Industrial.

1.1 Inglaterra: berço do esporte moderno

O esporte moderno teria surgido da modificação, ou esportivização de elementos da cultura corporal do movimento das classes populares, como os jogos com bola, e da nobreza inglesa. Os jogos tradicionais, até por volta de 1800, estavam ligados a festas como aquelas feitas em homenagem à colheita ou a algum motivo religioso. Com os processos de urbanização e industrialização, houve mudanças nas condições de vida da sociedade o que afetou também a maneira

como os jogos eram realizados. Fatores como a redução da jornada de trabalho, a urbanização, a modernização da comunicação e do transporte e, conseqüentemente, o aumento do tempo livre foram determinantes para a expansão da prática esportiva. (BRACHT, 1997; RUBIO, 2002a; RUBIO, 2002b).

Foi nas escolas públicas da Inglaterra, onde eram educados os filhos das classes dominantes, que os jogos foram regulamentados e aos poucos assumindo as características que conhecemos hoje. Além de ser uma forma de controlar o tempo livre dos adolescentes, o esporte era visto como um importante instrumento para formar os futuros líderes.

O modelo esportivo passou a servir como norteador da educação inglesa, voltada para a formação física e moral daqueles que iriam explorar e colonizar o mundo da livre troca. (...) a influência socializante dos jogos era enfatizada para promover liderança, lealdade, cooperação, autodisciplina, iniciativa, tenacidade, qualidades necessárias à administração do Império Britânico. (RUBIO, 2002, p.136).

Desde os primórdios, o esporte moderno estava ligado a fatores políticos e a dualidade de sistemas na educação física na Inglaterra daquela época era um reflexo disso. Enquanto os futuros líderes, estudantes das *Public Schools*, treinavam para o esporte, aos estudantes das Escolas Primárias era ministrado um tipo de sistema ginástico, um exercício sistemático, feito com disciplina destinado a formar bons operários e soldados. (RUBIO, 2002).

Das organizações esportivas nas escolas, o esporte passou a fazer parte também da vida acadêmica das universidades, sendo as renomadas Cambridge e Oxford as pioneiras (em 1829 surgiu a primeira regata entre as duas instituições). Os primeiros clubes esportivos teriam surgido da vontade de continuar a prática após os estudos. Diferentemente de outros países da Europa, na Inglaterra havia o direito à livre associação e pode-se dizer que a formação desses clubes teve um papel fundamental no desenvolvimento do desporto. (BRACHT, 1997; ELIAS E DUNNING,

1992).

Nesse período, a partir de Foucault (1993), podemos ainda pensar que a disseminação da prática esportiva também estava ligada à preocupação da burguesia com a saúde das classes trabalhadoras. Já que corpos sadios produzem mais, era necessário o controle da população para que a produção não decaísse. Dessa forma é possível perceber que tanto os sistemas ginásticos quanto o esporte na Inglaterra, vinham imbuídos de um caráter moralizante seguindo um modelo de ordem, disciplina e hierarquia estando ligados à questão médico-higienista.

Já para Elias (1992), o modo como as atividades de lazer se organizaram na Inglaterra na forma de desporto, que teve seu modelo difundido para outros países, não deve ser lido como um efeito do processo de industrialização daquela sociedade. Segundo o autor, tanto a industrialização como a organização do desporto dizem respeito a um quadro de transformação mais ampla nas sociedades-estado desde aquela época, fazendo parte da conjuntura econômica e social. Em especial, o fato de o desporto passar a ser parte do divertimento da nobreza inglesa estava estritamente ligado a mudanças quanto a sensibilidade em relação à violência para essa classe social.

Em sua teoria do processo da civilização, Elias* defende que o nível de violência física socialmente permitido e o limiar de repugnância contra o seu uso assumem formas específicas em diferentes estádios no desenvolvimento das sociedades. A emergência do desporto, como um tipo de confronto relativamente não violento, estava diretamente ligado ao fato de os ciclos de violência terem abrandado e os conflitos de interesse passarem a ser resolvidos de acordo com

* ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**.v.1. Rio de Janeiro : Jorge ZaharEd., 1994.

regras aceitas por ambas as partes. Dessa forma, o desporto advém como uma forma de lazer resultante da necessidade de sublimação que um alto grau de civilização requer. Se durante o Império Romano era fonte de divertimento assistir a combates entre gladiadores ou mesmo entre seres humanos e animais ferozes bem como assistir à suspensão pública na forca ou à luta de galos, na Inglaterra da Revolução Industrial isso já não era mais algo tolerável. (ELIAS e DUNNING, 1992).

Nesse sentido, é importante fazer uma observação quanto à prática esportiva na Grécia já que esse foi reconhecidamente um dos países que mais enalteceu o esporte e, por esse motivo, tem sido apontado por muitos autores como o berço da prática esportiva tal como a conhecemos hoje. Naquele país, os jogos atléticos faziam parte das festividades religiosas. No ano de 776 a.C., realizou-se a primeira Olimpíada em homenagem a Zeus. Além de reverenciar os deuses, o esporte na Grécia destinava-se ao preparo para a guerra. Exercícios como salto de extensão, lançamentos de discos e dardo, luta e até mesmo o pentatlon, preparavam os guerreiros para a batalha. Os esportistas, que deveriam ser de raça puramente helênica, bem-nascidos e possuidores de uma idoneidade moral, competiam pela glória representada pela coroa de louros colocada sobre a cabeça do vencedor. Buscavam, então, acima de tudo o desenvolvimento físico e moral. Os vencedores eram tratados com regalias e muito admirados. (SILVA, 1967).

No entanto, para Elias e Dunning (1992), atribuir a gênese do esporte moderno ao mundo grego é minimizar demasiadamente as diferenças que incidem justamente na organização dos laços sociais das sociedades.

O resultado disso é um quadro distorcido de nós próprios, bem como da sociedade grega, e um quadro falseado das relações entre as duas realidades. Os resultados são confundidos não só pela tendência de tratar os concursos de jogos da Antigüidade como personificação ideal do desporto contemporâneo, mas, também, pela correspondente expectativa de encontrar a confirmação para esta hipótese nos escritos da Antigüidade. (p.195).

Como exemplo das diferenças entre as competições na Antiguidade e aquelas dos séculos XIX e XX em diante, Elias (1992) cita o quanto as regras dos jogos de antigamente admitiam um grau de violência bem mais elevado do que se admite hoje em esportes como o pugilismo e a luta. Para se ter uma ideia, um dos principais acontecimentos dos jogos olímpicos era o *pancrático*, uma espécie de luta no solo, onde era possível estrangular, arrancar os olhos, deslocar dedos, dar pontapés, pisar o adversário. A dimensão do sacrifício pela luta era explícita, era uma prática tradicional, por exemplo, o morto ser proclamado o vencedor, não sendo o sobrevivente castigado pelo feito. Morrer ou ficar gravemente ferido era um risco assumido⁵. Na Antiguidade clássica, vencer era glorioso, mas não menos do que lutar até ser morto, mutilado, ferido. Havia um nível maior de violência física tolerada e mesmo um limiar diferente de reação das pessoas que se deleitavam ao ver os atletas feridos ou mortos após um combate. Ainda que tenha havido variações nos padrões de violência aceitos durante os mais de mil anos em que aconteceram os Jogos Olímpicos, todo o *ethos* da prova era muito diferente daquilo que hoje entendemos como desporto. Fato relacionado com a organização de cada sociedade.

A monopolização relativamente firme, estável e impessoal e o controle dos meios de violência é um dos traços centrais dos Estado-nações contemporâneo. Em comparação, a monopolização e o controle da violência física institucional nas cidades-Estado da Grécia, permanecia rudimentar. (ELIAS, 1992, p.196).

Segundo Gay (1995), o desenvolvimento do esporte, tal como hoje o

⁵ “Arrhachion de Phigalia, duas vezes vencedor olímpico no pancrático, foi estrangulado em 564 durante a sua terceira tentativa para vencer a coroa olímpica, mas antes de ser morto conseguiu partir os dedos do pé de seu opositor e a dor forçou este último a desistir da luta. Por esse motivo, os juízes coroaram o cadáver de Arrhachion e proclamaram o morto vencedor”. (Forster, 1891, citado por Elias, 1992, p. 201).

conhecemos, vem ao encontro do desejo dos vitorianos de impor certo controle às paixões indômitas, contendo a agressividade e mobilizando-a para a construção e não para a destruição. O esporte disciplinado era uma forma de combater uma possível desordem social, um equivalente moral para a agressividade.

Era preciso regularizar os hábitos das massas com saídas civilizadas o que traria benefício para ambos os lados, aqueles que regulamentam as práticas e aqueles que eram regularizados. Era essa a psicologia daquele comitê parlamentar inglês que achava que um homem da classe trabalhadora propenso a violência não chutaria um policial se, em vez disso, pudesse chutar uma bola. (p. 437).

Foi no século XVIII que surgiu o regime parlamentar. Parlamento e desporto aparecem, então, com a modificação na estrutura do poder na Inglaterra e nos hábitos sociais daquela época.

O regime parlamentar apresenta certas afinidades com os jogos desportivos. Entre as principais necessidades do regime parlamentar, tal como este emergiu no decurso do século XVIII, encontram-se a capacidade de uma facção ou partido no governo dominar os seus adversários através de um cargo público sem usar a violência, desde que as regras do jogo parlamentar assim o exigissem, como sucede no caso de uma importante votação no Parlamento ou uma eleição na sociedade serem contra isso. Esta regra básica só tinha oportunidade de ser respeitada enquanto a hostilidade e o ódio dos grupos oponentes no país e dos seus representantes no Parlamento não se aproximassem ou transgredissem os limiares da violência. (ELIAS, 1992, p.51).

Para Dunning (1992), haveria uma ligação entre o processo de civilização e a tendência à seriedade nos desportos. “O indivíduo moderno mais rigoroso e civilizado estará menos apto a participar, de modo espontâneo e sem inibições, no desporto do que os seus antepassados, que viveram num sistema de interdependências sociais menos complexo e constrangedor.” (p.311) . Dessa forma, o desenvolvimento do desporto orientado ao resultado só poderia mesmo ter se desenvolvido numa sociedade pós-industrial. Baseado na teoria sociológica de

Elias* segundo a qual um dos aspectos mais significativos da industrialização é a emergência de “cadeias de interdependência” extensas e diferenciadas que envolvem a especialização funcional e a integração de grupos distintos, o autor entende que o desporto inter-regional e representativo seria inerente a essa estrutura de interdependência social. Nas sociedades pré-industriais, não existiam regras comuns e nem meios pelos quais os desportistas de áreas distintas pudessem se reunir. Já nas sociedades industriais, encontramos um maior desenvolvimento da comunicação e dos transportes, os desportos têm regras comuns e há o anseio por se comparar com outros, o que leva a um grande nível de interação desportiva. Como coloca Gay “Os esportes espelhavam a obsessão da cultura burguesa em seus volumosos livros de regras, em seus registros precisos de distâncias saltadas ou de gols realizados”. (1995, p.436).

O modelo inglês de organização do esporte, construído concomitante ao processo de racionalização e secularização da sociedade, disseminou-se, tornando-se um paradigma do esporte moderno. Dessa forma, a cultura corporal do movimento esportivizou-se incorporando valores intrínsecos à sociedade capitalista como: a orientação ao rendimento e à competição, o cientificismo do treinamento, a organização burocrática, a especialização de papéis, a pedagogização e o nacionalismo. Bracht (1997) afirma que

(...) O esporte faz hoje parte, de uma ou de outra forma, da vida da maioria das pessoas em todo o mundo. Tão rápido e tão “ferozmente” quanto o capitalismo o esporte expandiu-se a partir da Europa para o mundo todo e tornou-se a expressão hegemônica no âmbito da cultura corporal do movimento. Hoje ele é, em praticamente todas as sociedades, uma das práticas sociais de maior unanimidade quanto a sua legitimidade social.(p.5).

* ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**.v.1. Rio de Janeiro : Jorge ZaharEd., 1994.

A aceitação dos modelos do desporto inglês pelos outros países indica que neles também existia essa necessidade de competições como forma de sublimar toda a agressividade que necessitava ser contida nesse novo estágio de desenvolvimento civilizatório. No entanto, é importante ressaltar que ainda que o modelo inglês tenha se espalhado por toda a Europa e depois ao mundo, isso não se deu sem resistência. Um bom exemplo foi o movimento esportivo/ginástico da classe trabalhadora europeia que teve seu auge nas três primeiras décadas do século XX. Com esse movimento, os trabalhadores buscavam explorar a ludicidade, as atividades em grupo e a solidariedade. Seu alcance foi tão grande que se chegou a criar uma Internacional Socialista das práticas corporais, e três olimpíadas dos trabalhadores sem o uso de cronômetros ou fitas métricas foram organizadas. (BRACHT, 1997; ELIAS E DUNNING, 1992).

1.2 O capital figura ao lado do esporte

No primeiro momento, a organização do esporte na Inglaterra se fez por meio da sociedade civil. Naquele tempo, o estado só intervinha de forma restritiva, por exemplo, reprimindo violência e arruaças que aconteciam devido a eventos esportivos ou proibindo àqueles eventos que ameaçassem a ordem pública. Alguns fatores esclarecem as razões que possibilitaram que o esporte tão facilmente se tornasse um instrumento político: é uma atividade de fácil compreensão que tem um elevado grau de emocionalidade e possibilita a identificação com o coletivo nação; é uma compensação para o mundo do trabalho, permite à nação medir seu

rendimento de forma inequívoca, ou seja, a efetividade do sistema se quantifica nos corpos dos atletas. Hoje há interferência do estado na questão esportiva por motivos como integração nacional, educação cívica, preservação da saúde da população, melhoria da qualidade de vida, oferecimento de oportunidades de lazer. (BRACHT, 1997).

Atualmente quase todos os países possuem alguma representatividade em encontros esportivos internacionais. Tais encontros permitem uma aproximação entre países de culturas e estruturas sociais e econômicas muito diferentes, mas que se confrontam obedecendo a regras universalizadas. Assim, o esporte possibilita uma expressão não destrutiva da competitividade entre os povos, ao mesmo tempo que estimula a busca constante pela excelência no desempenho humano. Este é, sem dúvida, um dos aspectos que tornam o fenômeno esportivo tão importante na atualidade.

A grande expressividade do esporte de alto rendimento em nossa cultura fica evidente em razão do destaque dado pela mídia a campeonatos e ligas nacionais e mundiais relacionados aos diferentes tipos de esportes e, em especial aos Jogos Olímpicos com todo o seu *glamour*. Se o desporto moderno nasce, de alguma forma, já atrelado ao capital, o advento do profissionalismo e o Movimento Olímpico Moderno são importantes analisadores que nos permitem compreender como tal relação foi ficando cada vez mais forte.

Em 1896 ocorreram os primeiros Jogos Olímpicos dos tempos modernos na Grécia. O chamado Movimento Olímpico Moderno objetivava a universalização da instituição esportiva priorizando os aspectos pedagógicos do esporte, o culto ao corpo e a atividade física a partir de uma competição leal e sadia. O fato de tal Movimento atrelar o esporte à nação é apontado como um dos principais

acontecimentos responsáveis pela forte politização do meio esportivo já que o rendimento nessa área também passou a ser visto como poder de uma nação. (RUBIO, 2001).

Durante muito tempo, a Guerra Fria entre países do bloco Soviético e os EUA expressava-se na luta pelo maior número de medalhas olímpicas. Até os dias de hoje, as grandes potências econômicas estão à frente no quadro de medalhas o que prova o grande investimento feito na formação de seus atletas e a importância política e econômica do evento. O exemplo mais recente são os Jogos Olímpicos de Pequim realizados em 2008. A China, desde que soube que seria a sede do evento, desenvolveu um programa de incentivo ao esporte específico para tornar o país a maior potência esportiva do globo. Segundo dados da Revista *Época*⁶, foram construídos 1800 centros esportivos para aproximadamente 185 mil atletas. Pela primeira vez na história a China superou os EUA no quadro de medalhas de ouro, ratificando a sua ascensão ao lugar de superpotência mundial.

Por outro lado, cabe destacar que eventos esportivos internacionais também protagonizam laços de afeto, respeito, amizade a despeito de desavenças políticas. Como lembra Scliar (2008), a russa Natalia Paderina e a georgiana Nina Salukvadze, campeãs do torneio olímpico de tiro em Pequim 2008, abraçavam-se emocionadas no pódio enquanto seus países disputavam uma sangrenta batalha na Ossétia do Sul.

Segundo Rubio (2002a; 2004) e Bracht (1997) a década de 70 representa um ponto de virada na história do esporte, marco da passagem do amadorismo para a era do profissionalismo. Os Jogos Olímpicos de Seul em 1988 foram emblemáticos

⁶ ...e as lições dos jogos para o Brasil. **Revista Época**, 25 de agosto de 2008.

na consolidação de tal fato. Até então o amadorismo era um dos pilares da prática esportiva, o esporte era uma prática de tempo livre razão da sua origem aristocrática. As classes dominantes, burocratas e aristocratas, teriam feito a apologia ao amadorismo como mais um meio de fazer a distinção entre as classes, exercendo uma violência simbólica. Os autores chegam a afirmar que, durante a Guerra Fria, o ideário amadorista das olimpíadas foi usado de forma oportunista pelos países socialista. Prova disso é que, supostamente em nome de tal ideal os atletas eram “convidados” a representar os seus países sem nenhum tipo de incentivo econômico, ou seja, além de dedicarem-se a intensos treinamentos precisavam trabalhar para o seu sustento.

A questão da seriedade na forma de encarar o esporte está na gênese do esporte moderno. Mesmo antes do advento do profissionalismo nesse tipo de atividade, quando o ideal era a prática por divertimento e o *fair play*⁷, já havia críticas à orientação para a seriedade vivida no amadorismo. Nas escolas públicas destinadas às elites, algumas características deixavam claro o caráter de seriedade dos jogos: o critério desportivo era mais importante que o acadêmico para fins de promoção assim como para a eleição de líderes, o treino do caráter pelo viés educativo do desporto, a participação de professores na organização dos jogos.

Com a incipiente profissionalização de esportes como o futebol e o rugby grupos da classe média e de trabalhadores começaram a participar ameaçando a elite que até então era a única a praticar. O fato de a elite das escolas públicas

⁷ O “fair-play”, ou “espírito esportivo” ou “jogo limpo”, ou “ética esportiva” pode ser definido como um conjunto de princípios éticos que orientam a prática esportiva, principalmente do atleta e dos demais envolvidos com o espetáculo esportivo. [...] O fair-play presume uma formação ética e moral daquele que pratica e se relaciona com os demais atletas na competição, e que este atleta não fará uso de outros meios que não a própria capacidade para superar os oponentes. Nessas condições não há espaço para formas ilícitas que objetivem a vitória, suborno ou uso de substâncias que aumentem o desempenho. (RUBIO, 2002, p.139).

defender o desporto como divertimento não estava ligado apenas à vontade de preservar o que seria essencial para o desporto, mas também à perda do antigo domínio quando outras classes começaram a se dedicar ao esporte profissionalizando-se. (ELIAS e DUNNING, 1992).

Dado o exposto, fica claro o quanto o ideal do amadorismo no desporto está ligado à luta de classes. No entanto, ainda que uma certa seriedade no modo de encarar o esporte pareça ter estado na sua origem, é inegável o papel desempenhado pelo profissionalismo naquilo que Dunning (1992) aponta como uma tendência mundial em relação ao desporto, qual seja, uma crescente competitividade, seriedade no modo de envolvimento e uma orientação voltada para os resultados em diferentes níveis de participação, mas em especial no alto rendimento. Dessa forma, haveria um decréscimo de valores e estruturas amadoras em detrimento da ascensão de valores e estruturas profissionais.

Junto ao fenômeno da profissionalização, veio uma maior exploração econômica dos eventos esportivos que movimentava vultosas somas de dinheiro no mundo todo. Hoje os atletas de ponta recebem dinheiro para treinar, fazendo da prática esportiva o seu meio de sustento. Eles são patrocinados por grandes marcas, tornam-se garotos-propaganda de empresas dos mais variados setores, já que são ídolos de grande parte dos consumidores. Nesse sentido, Gumbrecht (2007) lembra que muitas vezes acabamos associando a imagem do atleta à marca/empresa que o patrocina em detrimento do seu país, é o caso do ex-piloto de Fórmula 1, o alemão Michael Schumacher, cuja imagem era muito mais facilmente atrelada à escuderia italiana da qual fazia parte, a Ferrari, do que a seu país de origem.

É claro que tal investimento não se dá da mesma forma em todos os esportes, quanto mais popular for, quanto mais audiência tiver e mais lucros gerar,

mais investimentos tal esporte receberá. Acontece que, dessa forma envolvido com toda a máquina capitalista, os atletas são muitas vezes tratados como mais uma mercadoria. O rendimento diz o quanto cada um deles vale. Um exemplo facilmente identificado no “país do futebol” é o aumento do valor do passe de um atleta na proporção da soma de gols atingida em um campeonato. Recentemente, nas Olimpíadas de Pequim 2008, Michael Phelps, o nadador norte americano que encantou o mundo ao se tornar o maior campeão olímpicos de todos os tempos por conquistar oito medalhas de ouro em uma única edição dos jogos, recebeu pelo feito o prêmio de um milhão de dólares de um de seus patrocinadores. A empresa que patrocina o atleta desde os 16 anos havia estipulado esse prêmio no contrato desde os jogos de Atenas se ele ganhasse sete medalhas douradas⁸.

Inúmeros são os exemplos da relação dos eventos esportivos com a mídia de um modo geral. De acordo com Gumbrecht (2007) as Olimpíadas de 1984 em Los Angeles e as de 1988 foram as primeiras a gerar lucros que vieram especialmente da transmissão e da publicidade de TV. Essa relação e interdependência com a mídia de uma maneira geral chegou a tal ponto que nos jogos Olímpicos de 2008 realizados em Pequim, só para citar um dos tantos exemplos possíveis, as finais das provas de natação, que normalmente eram realizadas à noite em outras edições olímpicas, passaram a ser disputadas pela manhã, ou seja, noite nos Estados Unidos, a pedido da rede americana que detinha os direitos de transmissão dessa modalidade. Dessa forma, tais provas sendo transmitidas em horário nobre para EUA, a audiência foi 27% maior do que nos jogos anteriores. Cada anúncio de 30 segundos, durante a cobertura olímpica por

⁸ Fonte: site www.michaelphelps.com.br. Acessado em 17 de outubro de 2008.

essa rede de TV, custava 750 mil dólares⁹.

Como afirma Rubio (2002 a)

A condição pós-moderna conferida ao esporte atual pode ser justificada pela relação de dependência estabelecida com os meios de comunicação de massa e o conseqüente ajustamento de sua prática em função das exigências e necessidades desses meios. A televisão transformou a audiência do esporte em todo o mundo, e na medida em que começou a perder a capacidade de subsistir enquanto espetáculo ao vivo, tornou-se dependente de patrocínios gerados pela abrangência das transmissões televisivas. Essa situação provocou o incremento do profissionalismo no esporte, tanto no que se refere à posse do espetáculo pela televisão como em relação àquele que protagoniza o espetáculo, o atleta." (p.6).

Dado o exposto, fica claro que a expressão "esporte-espetáculo", cunhada por Bracht (1997), é usada devido à tendência marcante do esporte de alto rendimento ser transformado em mercadoria veiculada pelos meios de comunicação de massa. Esse tipo de esporte funcionaria como um empreendimento capitalista, já que tem fins lucrativos, proprietários e vendedores da força de trabalho e é submetido às leis do mercado.

Debord, na década de 60, cunhou o termo "sociedade do espetáculo" para caracterizar uma época em que a mercadoria ocupava totalmente a vida social e a relação entre as pessoas passava a ser mediada basicamente por imagens

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda realização humana, uma evidente degradação do ser para o ter. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do ter para o parecer, do qual todo "ter" efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função única. (DEBORD, 1997, p.18).

Para Debord (1997) os meios de comunicação de massa representam de modo mais superficial e mais esmagador o espetáculo utilizando instrumentos nada neutros. O esporte hoje é campo fértil para a primazia do "parecer". A reportagem

⁹ Super- Phelps. **Revista Época**. 18 de agosto de 2008.

publicada no caderno de esportes do Jornal Zero Hora¹⁰, intitulada “Todos estão de olho. Câmeras acabam com a privacidade em campo e denunciam os jogadores”, é particularmente exemplar para refletirmos sobre essa questão do esporte como espetáculo.

A reportagem trata da invasão a privacidade dos atletas, no estilo *Big Brother*, já que as câmeras estão interessadas em flagrar tudo, não só a bola, mas principalmente as estrelas milionárias que nela tocam. “Os atletas perderam a privacidade no calor do jogo”, diz a reportagem. Se as câmeras do futebol facilitam o julgamento posterior de jogadas violentas que atentam contra o espírito esportivo, por outro lado há o constrangimento do atleta que não pode mais nem assoar o nariz durante a partida que no outro dia o fato já vira foto no jornal. “Sempre tiramos o olho um pouco da câmera para espiar o ambiente. Às vezes, vemos o jogador com expressão de brabo e o marcamos. Aí é só acompanhar”, diz um cinegrafista. E não são apenas câmeras que chegam a ser 22 em dias de grandes jogos! Há também microfones prontos a gravar qualquer palavrão da boca do técnico ou jogadores. Na reportagem, há ainda a declaração de um coordenador de eventos da Rede Globo de Televisão que deixa claro o que vínhamos dizendo: “É como se fôssemos montar um espetáculo. Preparar a estrutura de um show dos *Rolling Stones*, do *The Police*, é o mesmo que cobrir um jogo de futebol”.

O que denuncia a sociedade do espetáculo, ávida pela revelação da imagem alheia, é justamente que nem sempre no show do futebol o esporte é o privilegiado. A reportagem aponta que na Copa do Mundo de 1998 na França havia duas equipes de filmagem por jogo, uma responsável pelos lances da partida e a outra por aquilo

¹⁰ Todos estão de olho. Câmeras acabam com a privacidade em campo e denunciam jogadores. **Zero Hora**, Porto Alegre, 11 out. 2007.

que acontecia longe da bola. Ainda assim os franceses deixaram escapar um lance de pênalti do nosso zagueiro Júnior Baiano contra a Noruega, provavelmente havia uma situação mais importante acontecendo...

1.3 Críticas ao esporte de alto rendimento

Rubio (2004) entrevistou os atletas brasileiros que foram medalhistas olímpicos entre 1920 e 2000 e constatou o grande sentimento de frustração vivenciado por aqueles atletas que haviam conquistado medalhas de prata ou bronze, principalmente a partir da década de 80. A hipótese da autora é a de que, para os esportistas que foram medalhistas na época em que o esporte ainda vivia tempos de amadorismo, o fato de subir ao pódio em uma olimpíada era um feito extraordinário, já que treinavam muitas vezes em condições precárias e não recebiam por isso, ou seja, sua prática ainda estava numa relação direta com lazer e prazer. Os atletas frustrados com a prata ou com o bronze cresceram imersos na cultura de que tirar o segundo lugar é simplesmente perder o primeiro.

A dificuldade que protagonistas do mundo esportivo e teóricos têm de lidar com a derrota talvez resida na posição que essa condição assumiu na cultura contemporânea ocidental. Fincada em um modelo de rendimento-premiação no qual não apenas ganhos materiais estão em questão, mas também o reconhecimento de um feito que garante a imortalidade, é possível dizer que a derrota é a sombra do esporte contemporâneo. (RUBIO, 2006, p. 88).

A questão da superação como uma máxima esportiva sempre esteve presente desde a Grécia, o berço olímpico. Como apontam Silva e Rubio (2003) na Carta Olímpica o lema *Citius, Altius, Fortius – mais rápido, mais alto, mais forte* - escrito pelo idealizador dos Jogos Olímpicos Modernos, Barão de Coubertin,

inspirado nos valores dos Jogos Olímpicos Helênicos, expressa a mensagem que o Comitê Olímpico Internacional dirige aos atletas de todo o mundo, convidando-os a superar-se de acordo com o espírito olímpico. No entanto, para as autoras acima citadas, é como se a busca pela superação, pelo recorde, inerentes a esse tipo de prática esportiva, se manifestasse hoje de forma peculiar coadunando-se com "valores" da sociedade contemporânea como a intensa competitividade, a seletividade, o lugar de destaque dado à imagem, a busca de um corpo perfeito a pequena tolerância à frustração e o imediatismo.

O desenvolvimento do esporte moderno teve muitas reações críticas, principalmente de movimentos sociais de esquerda ao longo da história. Bracht (1997) destaca que a partir da década de 60 a sociologia e a filosofia começam a ocupar-se do fenômeno esportivo. O autor faz toda uma revisão sobre a posição de diferentes escolas quanto ao esporte: escola de Frankfurt, teoria de Michel Foucault, de Pierre Bourdieu, autores vinculados à teoria marxista e à teoria gramsciana da hegemonia¹¹. O interessante é que, independentemente da abordagem teórica, o que perpassa essas análises é o fato de encararem a instituição esportiva como forma de manipular, adaptar, disciplinar, segregar, submeter. Raramente é citada alguma possibilidade de resistência desde o esporte o que, aliás, tem acontecido desde que o modelo britânico buscava sua hegemonia através dos movimentos ginásticos das classes trabalhadores anteriormente citados.

Regis (2004) faz uma análise bastante crítica dos processos de subjetivação no campo dos esportes de alto rendimento por este ser atravessado pela lógica dos valores capitalísticos. No entanto, tomando como exemplo o que chamou de

¹¹ Para um aprofundamento dessas questões remeto o leitor diretamente a consistência análise de Bracht.

"Acontecimento Democracia Corinthiana", procura mostrar como é possível ainda assim, a resistência advir deste meio propiciando um movimento de criação e expansão da vida. O autor cartografa uma experiência de democracia plena dentro de um dos maiores clubes de futebol do Brasil na década de 80, em que saindo de uma verdadeira ditadura administrativa, atletas e diretoria passam a participar de todas as decisões do clube. "Pela primeira vez no futebol brasileiro, cogitava-se até abrir mão da vitória, mas não da proposta de viver e trabalhar democraticamente". (2004, p.124). O fato toma proporções ainda mais relevantes se pensarmos que aquele era um momento em que o país engatinhava para uma abertura política. "Isto foi o que também a Democracia Corinthiana fez acontecer, rompendo a noção de que o plano esportivo é um domínio delimitado e esvaziado das potências estética e política de resistência e invenção de vida coletiva." (2004, p.135).

Dunning (1992) também estudou as análises sociológicas do desporto feitas por Huizinga, Stone e Rigauer que giram em torno da oposição entre os interesses dos jogadores e dos espectadores e a polaridade entre seriedade e jogo. Para Huizinga, que trabalha desde uma perspectiva histórico-filosófica, o esporte moderno inclinou-se excessivamente à seriedade o que prejudica o fator jogo em si com sua espontaneidade e despreocupação. Ao mesmo tempo tal maneira de encarar o desporto leva os profissionais a terem um melhor desempenho que os amadores, o que forçaria estes a quererem igualar-se àqueles, tornando o esporte profano. Tudo isso teria acontecido graças à industrialização, desenvolvimento científico e movimentos sociais de luta pela igualdade. Numa análise interacionista-simbólica, Stone defende que o esporte está organizado de modo a satisfazer jogadores e espectadores. O desporto perde seu caráter de espontaneidade e diversão na medida em que a satisfação dos espectadores, o espetáculo oferecido a eles é mais

importante do que o jogo, ou seja, o prazer de jogar é subordinado a atos que agradem a multidão. Já na visão marxista de Rigauer, o esporte nasce como um produto de ocupação do tempo livre para a burguesia, mas que acaba assumindo características semelhantes às do trabalho. Tal como o trabalho nas classes industriais, o desporto acaba se caracterizando pela luta por resultados. A busca constante de recordes, as horas de treino fatigantes, organizadas desde um princípio científico, seriam réplicas da alienação e desumanização das linhas de montagem. Desde aí o autor afirma que o esporte é cada vez mais incapaz de proporcionar alívio para as tensões do trabalho. Passa a ser dominado por uma elite burocrática contribuindo para aumentar o domínio da classe dirigente.

Aveso a esse excesso de críticas, Dunning (1992) coloca que

(...)é difícil acreditar que os desportos tivessem conseguido manter a sua popularidade e, na verdade, aumentá-la, como de fato sucedeu em todo o mundo, se, de acordo com as afirmações de Huizinga o fator jogo se tivesse atrofiado ou se, como sustenta Rigauer, os desportos se tivessem tornado tão alienantes e repressivos como o trabalho ou ainda, tal como Stone o pretenderia, o equilíbrio houvesse sido tão seriamente perturbado. (p.309).

Gumbrecht (2007), ainda que identifique os efeitos deletérios da crescente mercantilização do esporte, critica ferrenhamente os tipos de análise que trazem apenas a dimensão alienante da prática esportiva como fenômeno social.

Quando os intelectuais, mesmo que sejam intelectuais que adoram esporte, aplicam aos eventos esportivos as ferramentas nas quais foram treinados, eles com freqüência se sentem obrigados a interpretar o esporte como um sintoma de tendências altamente indesejáveis. Alguns críticos acadêmicos chegaram até a denunciar que o esporte é uma conspiração biopolítica originária da delegação do poder estatal a micropoderes auto-reflexivos. De acordo com essa visão, pela prática e acompanhamento do esporte, regulamos e contemos nossos corpos contra nossos interesses individuais. E é raro que a popularidade sem precedentes dos esportes profissionais seja evocada pelos acadêmicos sem ser imediatamente interpretada como sinal de decadência ou no mínimo de alienação em relação a uma suposta “autenticidade” atlética, que jamais é definida com clareza. (p.28).

O autor pretende deixar claro que o que move um evento esportivo não é

apenas e tão somente o capital. Na sua obra, ele busca resgatar o que chama de beleza atlética, fazer o elogio àquilo que nos fascina e principalmente buscar entender esse fascínio para além dessa dominação pelo capital. Defende, inclusive, que assistir a esportes é uma experiência estética tanto quanto apreciar uma obra de arte.

Neste capítulo, procurei circunscrever as condições de surgimento da prática esportiva bem como a organização social desde onde foi possível que o esporte de alto rendimento se estruturasse da maneira como é hoje. Apresentei ainda diferentes posicionamentos críticos a respeito desse tipo de prática, ora visto de forma bastante opressora e pessimista, ora evidenciado como campo possível de realização, diversão e criatividade. No próximo capítulo, com auxílio do aporte teórico da psicanálise, buscarei avançar na discussão a respeito do esporte de alto rendimento na contemporaneidade e, especialmente, sobre o lugar do sujeito atleta nesse contexto.

Cap. 2

“101%”

Impotência ou impossibilidade?

A vida é indissociável da incompletude, da confusão do vir-a-ser constante que a incompletude promove. (Kehl, 2000, p.144).

Na cultura esportiva responsável pela formação de atletas de alto rendimento há todo um discurso e uma prática que visam à superação de limites por parte do atleta, sejam eles físicos ou emocionais, custe o que custar. Assim, é muito comum ouvirmos nesse meio que é preciso dar "101%" de sua capacidade nos treinamentos e competições a fim de se obter o resultado desejado, afinal só há lugar para três no pódio e os louros são muitas vezes dados apenas ao primeiro. Logo, é preciso estar no lugar mais alto, é preciso superar-se e para isso há muitos sacrifícios a serem feitos. Há inegavelmente um ideal de perfeição, de completude, de ir além do que até então era colocado como um limite para o desempenho.

Neste capítulo procurarei refletir sobre essa característica fortemente presente no discurso do esporte de alto rendimento. Fragmentos de um caso que acompanhei e do livro “W ou a Memória da Infância”, de Georges Perec, vão compor a discussão a partir de alguns aportes conceituais da teoria psicanalítica.

2.1 Realização narcísica – a via imaginária

Freud já fazia uso do conceito de narcisismo há muito tempo quando em 1914 resolveu debruçar-se especificamente sobre ele num importante trabalho chamado *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Esse tema tem uma relevância tal em sua obra que Lacan (1953) chega a afirmar que a relação narcísica é a segunda grande descoberta da psicanálise, atrás apenas da função simbólica do Édipo. “A relação narcísica ao semelhante é a experiência fundamental do desenvolvimento imaginário do ser humano. Enquanto experiência do eu, a sua função é decisiva na constituição do sujeito”. (p.73).

Freud (1914) parte do princípio de que o excesso de investimento pulsional direcionado a si mesmo como pode ser encontrado em determinadas patologias, faz parte do desenvolvimento normal em um determinado período da vida, sendo um componente libidinal da pulsão de autopreservação. O autor denomina de narcisismo primário esse período em que a criança pequena toma a si mesma como objeto de amor antes de investir em objetos exteriores, o que está diretamente relacionado com o estado de onipotência em que ela acredita estar. Trata-se de um momento de funcionamento auto-erótico das pulsões em que ainda não há clivagem entre o sujeito e o mundo.

Nesse texto Freud (1914) ainda não faz uma clara distinção entre eu ideal e ideal do eu, diferença importante acentuada mais tarde por autores como Lacan, Lagache e Numberg (LAPLANCHE e PONTALIS, 2000). O eu ideal está relacionado com o narcisismo primário, acima descrito, onde o eu se constitui numa imagem de perfeição e de completude. Já o ideal do eu rege o narcisismo secundário, que se

constitui quando a libido que foi investida em outros objetos retorna sobre o eu. Quando a criança percebe que a mãe deseja algo para além dela, tem como objetivo reconquistar o seu amor, então, certas exigências devem ser atendidas, as do ideal do eu. Ou seja, o narcisismo primário é abandonado quando a criança se vê confrontada com um ideal ao qual tem que se comparar.

Esse ego ideal é agora o alvo do amor de si mesmo (self-love) desfrutado na infância pelo ego real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. (...) Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ego ideal. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal. (FREUD, 1914, p.101).

Para Freud (1914) algo deve acrescentar-se ao auto-erotismo para se configurar o narcisismo. É a relação com o Outro primordial, narcisista, dual, especular, imaginária, de dependência com o outro "todo poderoso" que deixa como resultado o eu ideal. É essa instância, originada no período designado por Lacan (1949) de estágio do espelho, que evita a vivência de despedaçamento, é onde o sujeito se refugia de uma realidade de fragmentação e angústia. Nesse sentido, o estágio do espelho está sempre presente e atuante, marcando para sempre as características do eu como um eu baseado em uma unidade imaginária, sempre se antecipando a uma unidade que ainda não tem, como uma síntese impossível. Lacan (1953/1954) no Seminário 1, *Os Escritos Técnicos de Freud*, coloca que é justamente porque há inicialmente um narcisismo que se relaciona com a imagem corporal, fazendo a unidade do sujeito, que se introduz a possibilidade de um segundo narcisismo do qual falaremos adiante (item 2.3).

Segundo Freud (1914), a construção do eu ideal é fruto do próprio narcisismo dos pais. A atitude de pais afetuosos frente a seus filhos é uma

revivescência do narcisismo que há muito já abandonaram. Isso explica o fato de os pais atribuírem todas as perfeições aos filhos ocultando qualquer falha que possam ter ou restrições que tenham de enfrentar. Assim, colocam-os na posição de "Sua majestade o bebê".

Façamos um paralelo com o que se dá no laço social em relação à figura do atleta. Esse sujeito, capaz de feitos impensáveis para um "simples mortal" acaba por ser admirado e valorizado e do ponto de vista imaginário cumpre essa função de um ideal. Somos falhos, castrados, mas essa figura de vencedor faz sonharmos com a possibilidade de um ideal de perfeição e onipotência, outrora vivido.

Há, certamente, uma dimensão heroica no feito atlético. Freud (1922), no texto *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, coloca que o mito é o passo com o qual o indivíduo emerge da psicologia de grupo. Passemos então ao mito do herói a fim de refletir sobre o sujeito atleta.

2.2 A questão do mito

Rubio (2001), no livro *O atleta e o mito do herói – o imaginário esportivo contemporâneo*, remete à questão de como o chamado do atleta para a prática esportiva assemelha-se ao chamado do herói pela aventura. A autora coloca que o mito do herói talvez seja um dos mais antigos, sendo encontrado na estrutura mitológica Grega, Romana e também na Idade Média, no extremo Oriente e entre diversas tribos contemporâneas. Em Homero, herói era o nome dado aos homens que possuíam coragem e méritos superiores, favoritos entre os deuses. Já para

Hesíodo, eles eram filhos da união entre um deus e uma mortal ou de uma deusa com um mortal, ou seja, eram semi-deuses, seres extraordinários. Na mitologia grega Perseu e Heéacles eram homens notáveis por sua bravura fruto da união de Zeus com mulheres.

O mito do herói apresenta grande variedade de detalhes mas inúmeras semelhanças em suas estrutura. Em geral, o nascimento desse representante da coragem e da força é precedido de premonições infelizes, no entanto, depois de passar por duras provas consegue algum feito grandioso. Uma história de vitória sobre si próprio é a grande propulsora do herói de todos os tempos.

Não é por acaso que os mitos representados no esporte são sobretudo de natureza heróica. Os feitos realizados por atletas, considerados sobre-humanos para a grande maioria da população, somados ao tipo de vida regrada a que são submetidos contribui para que essa imagem se sedimente. O herói enquanto figura mítica vem representar o mortal, que transcendendo essa sua condição aproxima-se dos deuses em razão de um grande feito. (RUBIO, 2001, p.99).

Lacan (1953), em *O Mito Individual do Neurótico*, aponta justamente para esse trânsito entre o social e a constituição subjetiva, tendo a narrativa ficcional mítica como um elo importante. Cunha (1987), na introdução à edição portuguesa desse texto destaca que Lévi-Strauss*, forjou a expressão “mito individual” ao fazer uma comparação entre a função terapêutica do mito e a psicanálise. Para o autor, a narração mítica na cura xamanística intervém resolvendo o sofrimento do paciente devido a sua eficácia simbólica, ou seja, a verbalização de afetos que estavam desintegrados, através do mito passa a fazer parte de um conjunto cultural estruturante. É claro que, para que funcione, o paciente precisa acreditar no mito social. Lévi-Strauss defende que tanto na psicanálise quanto na cura xamanística se

* LÉVY-STRAUSS, Claude. A eficácia simbólica (1949). In: **Antropologia estrutural**. Buenos Aires: EUDEBA, 1972.

trata de constituir um mito que o paciente deve viver ou reviver. A diferença é que na psicanálise trata-se de um mito individual construído a partir da história individual de cada um, enquanto que no xamanismo o paciente aceita um mito social que vem do exterior. O psicanalista escuta, o xamã fala mas, em ambos os casos, trata-se de um “mito fundador da cura”. É a função simbólica que está em jogo.

Lévi-Strauss aponta que essa diferença entre mito individual e social não fica assim tão claro quando se trata dos complexos. No complexo de Édipo, por exemplo, há três dimensões presentes, é um mito social, familiar e também individual, em que encontramos uma estrutura formal vazia, na medida em que os elementos mantêm uma determinada relação entre si podendo as posições serem ocupadas por diferentes sujeitos. Nesse sentido, a estrutura mítica tem estatuto de significante, já que, apesar de manterem uma relação constante entre si, funcionam como formas vazias que podem ser preenchidas de maneira variável em função das diferentes combinações narrativas. “Esta combinação remete ao conceito lacaniano de imaginário: aquilo que une “pedaços” significantes e, assim, constrói a significação”. (CARREIRA, 2001, p. 60). Para Lacan (1953)

O mito é o que confere uma fórmula discursiva a qualquer coisa que não pode ser transmitida na definição da verdade, porque a definição da verdade não se pode apoiar senão em si mesma, e é enquanto a palavra progride que ela a constitui. A palavra não se pode apreender a si mesma, nem apreender o movimento de acesso à verdade, enquanto verdade objetiva. Ela apenas a pode exprimir – e isto, de um modo mítico. É neste sentido que se pode dizer que aquilo em que a teoria analítica concretiza a relação inter-subjetiva, e que é o complexo de Édipo, tem um valor de mito. (p.47).

A questão então seria como se passa do funcionamento social do mito de Édipo nas sociedades gregas para o funcionamento individual do complexo de Édipo no homem moderno. Essa é uma questão complexa, podemos relacionar, por exemplo, com a individualização da narrativa mítica num momento em que há um desaparecimento da crença coletiva do material mítico, o que está diretamente

associado ao modo de produção capitalista. Tem a ver com a

distância que vai de uma sociedade fria, produtora de mitos, animada ainda de uma eficácia simbólica assente em crenças comuns e estruturantes da totalidade cultural que cada uma é, e por outro lado, as nossas sociedades quentes, históricas, de mutação acelerada, civilização mecânica aonde não há lugar para o tempo mítico, a não ser no próprio homem. (CUNHA, 1987, p.17).

Lacan (1953) vai analisar o mito no paciente de Freud, o Homem dos Ratos. A geração do pai do paciente constitui o seu mito familiar. Já a sua geração reproduz de certa forma a estrutura da primeira com modificações configurando o seu mito individual. É como se o mito individual do paciente fosse uma tentativa de resolver algo que ficou conflituoso no mito familiar. Todo o roteiro fantasístico vivido pelo Homem dos Ratos, que de certa forma é uma repetição do fantasma paterno, é o que Lacan chama de mito individual do neurótico. Nesse caso, aparecem temas comuns à neurose obsessiva, mas também particularidades evidentes.

Se nos vamos guiar pela definição do mito como uma certa representação objetivada de um epos ou de uma gesta, exprimindo de forma imaginária as relações fundamentais características de um certo modo de ser humano numa determinada época, se o vamos compreender como sendo a manifestação social latente ou patente, virtual ou realizada, plena ou esvaziada do seu sentido, deste modo do ser, poderemos então encontrar de certeza a sua função no próprio vivido de um neurótico. (LACAN, 1953, p.49).

Dessa forma, Carreira (2001) afirma que o mito individual é o que permite ao sujeito explicar quem ele é e por que veio ao mundo, configurando-se numa estrutura subjetiva básica, singular e que permite ao sujeito implicar-se em seu desejo, deslocando-se do desejo do outro. Como estrutura simbólica, o mito permite vestir o real com o imaginário. Ou ainda, como coloca Lacan (1956/1957) no Seminário 4, *A Relação de Objeto*, a organização do imaginário em mito diz da passagem do imaginário ao simbólico. Nesse momento, o autor volta a afirmar o quanto a ficção porta uma verdade

Por outro lado, essa ficção mantém uma relação singular com alguma coisa que está implicada por trás dela, e da qual ela porta, realmente, a mensagem formalmente indicada, a saber, a verdade. Aí está uma coisa que não pode ser separada do mito. (...) ... em toda ficção corretamente estruturada pode-se constatar essa estrutura que, na própria verdade, pode ser designada como a mesma da ficção. A necessidade estrutural que é carreada por toda expressão da verdade é justamente uma estrutura que é a mesma da ficção. A verdade tem uma estrutura, se podemos dizer, de ficção. (p.259).

Em *“W ou a Memória da Infância”* de Georges Perec, fica claro o quanto a ficção dá lastro à simbolização e à possibilidade de construção de um mito individual. Um diálogo com esse brilhante livro nos interessa aqui especialmente porque o esporte competitivo é o eixo imaginário da narrativa. O narrador escreve na tentativa de reconstruir as memórias da infância, um tempo vivido em meio à Segunda Guerra. O livro se constitui como um texto duplo, já que intercala capítulos desse resgate da sua história com outros sobre a narrativa de uma fantasia juvenil, W a terra do esporte regida pela ideal olímpico. Memórias tristes e ficção de um mundo bastante cruel. Qual é a mais verdadeira? “Não tenho nenhuma memória da infância” (p.13), nos avisa o narrador logo de saída. Ele perdeu os pais ainda pequeno em meio a guerra, passou a vida em pensionatos e mais tarde foi adotado por parentes. “Aos treze anos inventei, contei e desenhei uma história. Mais tarde a esqueci. Há sete anos, uma noite em Veneza me lembrei de repente que essa história se chamava “W” e que ela era, de certo modo, se não a história, pelo menos uma história de minha infância.” (p.14).

Há várias versões sobre a origem de W, uma ilha que sequer aparece no mapa. Uma delas diz que W faz referência a Wilson, seu fundador, que teria sido um atleta ou treinador que

exaltado pelo empreendimento olímpico, mas desesperado com as dificuldade que Pierre de Coubertin então enfrentava, e convencido de que o ideal olímpico só podia ser ridicularizado, conspurcado, desviado em proveito de sórdidos interesses mercantis, submetido aos piores compromissos justamente por aqueles que pretendiam servi-lo, resolve fazer de tudo para fundar, aos abrigo das disputas chauvinistas e das

manipulações ideológicas, uma nova Olímpia. (PEREC, 1995, p.83).

Algumas curiosidades sobre W: lá a vida é feita para a maior glória do corpo, a vocação atlética determina a vida da cidade, o esporte modela as relações sociais e as aspirações individuais, uma nação de atletas. As competições são diárias e acontecem dentro de uma mesma aldeia, entre aldeias vizinhas, entre seleções. Disputam-se luta Greco-romana e provas de atletismo. A vitória de um homem é a de sua equipe, portanto “vitória por equipe” nada quer dizer. A regularidade e a disciplina são absolutas, a administração dita tudo. Para constituir a equipe da aldeia os noviços são escolhidos de acordo com critérios morfológicos, fisiológicos e psicológicos e a partir de resultados obtidos nos treinos. Quem não rende mais ou se machuca é substituído. Alguém que foi afastado por acidente e ainda não pode usufruir dos benefícios dados aos veteranos ou não tem competência para ser treinador é motivo de troça, participando de provas de decatlo ou pentatlo fantasiados para divertir a plateia.

A organização da vida esportiva de W tem como única finalidade exacerbar a competição, a rivalidade. Quem perde é punido com o cancelamento da janta, mas, dependendo da decepção do público, a pena pode chegar à morte. Quem ganha, além de todos os prêmios, cerimônias e pompas é convidado a um superbanquete. Ironia! Os atletas acabam exagerando na comida e na bebida e assim prejudicam a si mesmos já que, no outro dia, não terão condições de treinar como os demais.

A struggle for life é a lei aqui; mas a luta em si também nada significa, não é o amor do esporte pelo esporte, da façanha pela façanha, que anima os homens de W, e sim a sede da vitória da vitória a qualquer preço. O público dos estádios jamais perdoa a um atleta ter perdido, e não poupa seus aplausos aos vencedores. Glória aos vencedores! Ai dos vencidos! Para o esportista profissional que é o cidadão de uma aldeia, a vitória é a única saída possível, a única chance. A vitória em todos os níveis: em sua própria equipe, nas disputas com as outras aldeias, nos Jogos, enfim e sobretudo. (PEREC, 1995, p.108).

Em W , “...o rigor das instituições só se compara à amplitude das transgressões de que elas são objeto.” (p.141). Para as autoridades, as injustiças são o fermento das lutas, um atleta que se sente injustiçado é mais combativo. Vale aumentar a distância, por exemplo, numa corrida de 400 m o juiz no início da prova pode determinar que uma equipe corra 420m e a outra 380m ou ainda, as barreiras das corridas de obstáculos podem ser deslocadas. Os atletas ficam à mercê das decisões das autoridades, não podem contestar. Inclusive, depois de acabar a prova, podem anunciar que o vencedor é o que chegou por último.

Os atletas de W não têm poderes sobre suas vidas. Suportam o extremo rigor dos treinamentos extenuantes e buscam a vitória, muitas vezes a vida toda sem a alcançar, como a única possibilidade de terem um momento de descanso. Essa organização social construída em cima de um corpo sem limites acaba produzindo resultados patéticos

(...) esses Atletas esqueléticos, de rosto cadavérico, com a espinha sempre curvada, aqueles crânios calvos e luzentes, aquele olhos cheios de pânico, aquelas chagas purulentas, todas aquelas marcas indeléveis de uma humilhação sem fim, de um terror sem fundo, todas essas provas, administradas cada hora, cada dia, cada segundo, de um esmagamento consciente, organizado, hierarquizado, é preciso ver funcionar aquela máquina enorme em que cada peça contribui, com uma eficácia implacável, para o aniquilamento sistemático dos homens, para não mais achar surpreendente a mediocridade dos desempenhos registrados: os 100 metros rasos correm-se em 23`4, os 200 metros em 51``; o melhor saltador jamais ultrapassou 1,30m. (PEREC, 1995, p.194).

O narrador nos diz ao final da história: “Esqueci as razões que, aos doze anos, fizeram-me escolher a terra do Fogo para ali instalar W: os fascistas de Pinochet se encarregaram de dar a meu fantasma uma última ressonância: várias ilhotas da terra do Fogo são hoje campos de deportação.” (p.196). As questões que atravessam a organização esportiva de W claramente estão relacionadas a toda a barbárie vivida durante a Segunda Guerra, cidadãos sem a mínima possibilidade de expressão, um forte controle por parte das autoridades, subjetividades aniquiladas

em nome de que mesmo?

Nessa narrativa, fica evidente mais uma vez o quanto o esporte, como um fenômeno social, é capaz de dizer da lógica do laço social de sua época como procurei demonstrar no capítulo anterior. Voltemos à contemporaneidade e ao caráter heroico do feito atlético. Como uma construção narrativa situada entre o social e a constituição subjetiva, o mito aponta para um ideal social contemporâneo que se presentifica na prática esportiva de alto rendimento e que não é sem consequências para o sujeito atleta que se põe a realizá-lo. Se temos a imagem do "atleta-herói" como um componente na economia psíquica de um sonho ideal perdido, isso diz do sintoma de nossa época.

Para Kehl (2001), a passagem de uma economia sustentada pela produção industrial para a que hoje vivemos, sustentada pelo consumo e pela indústria da comunicação acarretou profundas transformações no laço social desse novo milênio. Se na sociedade vitoriana havia uma ênfase na necessidade de renúncia e sacrifício, hoje o sujeito é convidado a consumir, a abusar, a desafiar, a gozar, configurando o que ela chama de um laço que se organiza em termos de histeria. O sujeito é demandado a não adiar, vivendo como que um delírio de onipotência que alimenta o imaginário de um sujeito não barrado.

Melman (2003) também fala de um forte apelo à satisfação plena existente na contemporaneidade, advinda de um aniquilamento da instância fálica. O autor defende inclusive o surgimento de uma nova economia psíquica. Para ele, passamos de uma cultura fundada no recalque dos desejos, portanto neurótica, para uma que promove a perversão, ou seja, uma economia psíquica organizada pela exibição do gozo, em que o sujeito só se faz reconhecer no social se está em alta performance. Se só se tem apetite pela satisfação plena, é à pulsão de morte que se

aspira, na medida em que a entendemos como a abolição da tensão conseguida pelo encontro com o objeto de satisfação. Fazer acreditar nessa possibilidade como se não fôssemos interditados pela própria condição de sujeitos de linguagem é o que caracterizaria a sociedade contemporânea.

Não é o objetivo desse trabalho determinar a organização do laço social contemporâneo como histórico, perverso ou seja o que for. O que nos interessa, a partir dessa reflexão, é pensar que, numa sociedade que se organiza desse modo, fica excluída a dimensão da falta, da fragilidade. É como se para o sujeito contemporâneo todas as condições de gozo estivessem ao seu alcance, mas ele está sempre aquém, quem goza é o outro que o exclui, e ele, desamparado, padece.

Sabemos que muitas vezes na cultura do esporte de alto rendimento ou se é o vencedor ou se é desconsiderado. Essa insatisfação permanente do atleta que busca sempre mais reverbera um sintoma social contemporâneo? É num delírio de sujeito não barrado que vive esse atleta sempre em busca do recorde?

2.3 Ideal do eu – a via simbólica

Ainda que o mundo simbólico seja pré-existente ao sujeito, é necessária a relação imaginária com o outro para que o sujeito se insira na realidade simbólica. Lacan (1953/1954), afirma que com o ideal do eu o simbólico se sobrepõe ao imaginário e o organiza.

Qual é o meu desejo? Qual é a minha posição na estruturação imaginária? Esta posição não é concebível a não ser que um guia se encontre para além do imaginário, ao nível do plano simbólico, da troca legal que só pode se encarnar pela troca verbal entre os seres humanos. Esse guia que comanda o sujeito é o ideal do eu. (p.166).

Ao final de *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914), Freud aponta para algo que seria mais tarde trabalhado em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1922). O ideal do eu, cujo entendimento foi construído a partir do indivíduo, é uma grande chave de compreensão da psicologia de grupo. “Além do seu aspecto individual, esse ideal tem seu aspecto social; constitui também o ideal comum de uma família, uma classe ou uma nação.” (1914, p.108). Abre-se com isso a possibilidade de buscarmos entender o papel da figura do "atleta-herói" em nossa sociedade para além da dimensão imaginária trabalhada no item anterior, mas também numa via de inscrição simbólica. Passemos à dimensão simbólica do "atleta-herói" através de um maior entendimento do conceito de ideal do eu.

A complexa articulação entre eu ideal e ideal de eu está presente durante a vida toda. Enquanto no eu ideal o sujeito é o seu próprio ideal, a construção do ideal do eu é uma forma atravessada pelos valores culturais, morais e críticos construídos na relação com os pais e na vida em sociedade. (NOVAES, 2005).

Freud (1914) refere-se ao ideal do eu:

O desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal. (p.106).

Mais tarde, Freud (1922) rumo a uma melhor definição desse conceito que serviu de base para o que veio a ser descrito como superego no ano seguinte na obra *O Ego e o Id*

Em ocasiões anteriores, fomos levados à hipótese de que no ego se desenvolve uma instância assim, capaz de isolar-se do resto daquele ego e entrar em conflito com ele. A essa instância chamamos de ideal do ego e, a título de funções, atribuímos-lhe a auto-observação, a consciência moral, a censura dos sonhos e a principal influência na repressão. Dissemos que ele é o herdeiro do narcisismo original em que o ego infantil desfrutava de auto-suficiência; gradualmente reúne, das influências do meio ambiente, as exigências que este impõe ao ego, das quais este não pode sempre estar a altura; de maneira que um homem, quando não pode estar satisfeito com seu próprio ego, tem, no entanto, possibilidade de encontrar satisfação no

ideal do ego que se diferencial do ego. (p. 119).

Lacan (1956/1957), no *Seminário 4 – A Relação de Objeto*, retoma o conceito de estágio do espelho para compreender o ideal do eu assim como descrito por Freud (1922) em *Psicologia de Grupo e Análise do eu*. Para Lacan, nessa fase se produz a relação com a imagem do outro dando ao sujeito "...a matriz em torno da qual se organiza para ele o que eu chamaria de sua incompletude vivida: a saber, o fato de que ele está em falta." (p.179). Ele frisa que é com relação a essa imagem que se apresenta como total, sendo fonte de júbilo, que a criança realiza que algo pode lhe faltar já que é só quando o imaginário entra em jogo que pode aparecer tanto para a mãe quanto para a criança que algo pode faltar imaginariamente. "É na relação especular que o sujeito tem a experiência e a apreensão de uma falta possível, de que alguma coisa mais além pode existir, alguma coisa que é uma falta". (p.179). Se por um lado, a vivência do estágio do espelho é fonte de alegria para o bebê por reconhecer-se na totalidade do seu ser, por outro, dá-se conta que é separado do corpo materno e então experimenta um sentimento de impotência.

Vemos, então, que é somente para além da realização narcísica, quando começa haver uma tensão entre o sujeito e o outro, desde onde se constitui o eu, que é possível que se introduza a falta do objeto de amor, e daí que nenhuma satisfação por um objeto real é jamais capaz de preencher a falta na mãe. Ou seja, é só porque a partir da relação especular pode imaginar uma falta possível - a dimensão da incompletude inerente ao sujeito - que foi necessário a construção do ideal, a saída do narcisismo primário para o investimento em um ideal do eu. "É desde a relação imaginária primitiva, aquela por onde a criança é doravante introduzida a este mais-além de sua mãe, que o sujeito vê, toca, experimenta o fato de que o ser humano é um ser privado e um ser abandonado". (LACAN, 1956/1957,

p.219). É aí que o sujeito se encontra com a experiência da castração.

Para Freud, é pelo Complexo de Castração, expresso pela inveja do pênis ou pelo medo de perdê-lo, que a criança reconhece a diferença anatômica entre os sexos, saindo de um estado ilusório de onipotência. A noção de castração em Freud foi ligada ao Complexo de Édipo que, pela interdição ao incesto, comporta a noção de lei. Na concepção lacaniana, a castração está relacionada justamente com o corte no vínculo imaginário existente entre a mãe e a criança o que permite a sua inserção numa ordem simbólica. Como resume Nasio (1989), a palavra paterna que encarna a lei simbólica castra a mãe de ter o falo (já que não pode reintegrar a criança em seu ventre) e castra o filho da pretensão de ser o falo (já que não pode possuí-la).

É nesse sentido que Lacan (1956/1957) define a castração como a falta simbólica de um objeto imaginário. “Desde que o sujeito percebe, no objeto de que espera a onipotência, esta falta que o faz, a ele mesmo impotente, a última instância da onipotência é referida para além, a saber, ali onde alguma coisa não existe ao máximo”. (p.171). Dessa forma vemos o quanto o ideal do eu é marcado pela instância paterna, pela própria inscrição simbólica, que é o que permite a abertura da criança para uma posição desejante.

Miller*, citado por Novaes (2005), coloca que no ideal do eu podemos localizar a noção de Outro introduzida por Lacan. “O ideal do eu é entendido por Lacan como um significante isolado do Outro, grafado como I(A); significante ao qual o sujeito se identifica e que traz em si a ideia de uma identidade paradoxal e alienante, por ser do Outro”. (p.42). Sendo a função simbólica o que define o grau de

* MILLER, J.-A. **Logicas de la vida amorosa**. Buenos Aires: Manantial, 1991.

aproximação à completude e perfeição almeçadas do ponto de vista imaginário fica claro a relação intrínseca entre as instâncias de eu ideal e ideal do eu.

Na medida em que responde ao chamado do discurso do alto rendimento, o que move o sujeito atleta não passa apenas pela via imaginária da busca por um estado mítico de onipotência outrora perdido, mas também por uma via de inscrição simbólica. A experiência do esportista de alto rendimento na busca constante de ir além reatualiza a dimensão da castração, afinal

Mãe, pai e filho, todos estão assujeitados à ordem simbólica que confere a cada um seu lugar definido e impõe um limite a seu gozo. Segundo Lacan, o agente da castração é a efetuação, em todas as suas variações, dessa lei impessoal, estruturada como uma linguagem e completamente inconsciente. Uma experiência por atravessar, um obstáculo a superar, uma decisão a tomar, um exame a passar etc., todos são desafios da vida cotidiana que reatualizam, sem o conhecimento do sujeito e ao preço de uma perda, a força separadora de um limite simbólico. Compreendemos assim o sentido da castração lacaniana: a castração é simbólica, e seu objeto, imaginário. Isso quer dizer que ela é a lei que rompe a ilusão de se acreditar possuidor ou identificado com uma onipotência imaginária. (NASIO, 1989,p.37).

Nesse ponto, lanço uma outra hipótese. Se é justamente porque há algo que falta que há a construção de um ideal do eu, é porque sabe que há limites para seu corpo e seu desempenho que o atleta treina muito, que se sacrifica em busca da almejada superação, dessa forma, o sacrifício em busca da superação não estaria a serviço da negação da falta, mas o contrário.

2.4 Impotências e impossibilidades: o lugar do sujeito atleta

Freud (1922) coloca que quando o sujeito está amando e investe o objeto de amor no lugar de ideal de ego, muitas vezes se impõem auto-sacrifícios que diz do

desinvestimento em si próprio, uma limitação do narcisismo em favor do outro e que muitas vezes traz danos a si mesmo. A dimensão da alienação ao Outro e do sacrifício presentes na questão do ideal do eu remete a outra aproximação com o discurso do esporte de alto rendimento. Na medida em que o atleta submete-se a um plano de treinamento que o exclui como sujeito de desejo, o que, aliás, é muito comum nesse meio, que não respeita seus limites e suas vontades, corre-se o risco de cair num apagamento subjetivo, num esquecimento de si para atender a esse discurso do Outro.

Para dialogar com as questões apresentadas até então, trarei fragmentos da escuta de uma atleta realizada no âmbito de um trabalho que realizei em um clube esportivo como psicóloga de uma equipe de competição infanto-juvenil. Ana Maria, optei por chamá-la assim, começou participando de um trabalho em grupo que era feito com os atletas da equipe de competição do clube e procurou também o atendimento individual oferecido para os que assim o desejassem como parte do plano de intervenção. Pude acompanhá-la por quatro anos em períodos intermitentes sempre que a atleta desejava. Em alguns períodos, o atendimento era semanal acontecendo durante vários meses, em outros momentos, ao longo desses anos, as intervenções eram pontuais, ou seja, a esportista procurava quando julgava necessário. O importante era que Ana Maria sabia que tinha ali um lugar para ser escutada em sua singularidade. Também havia um trabalho paralelo com o treinador e com o fisioterapeuta da atleta, já que uma intervenção no campo do esporte é sempre uma tarefa interdisciplinar. Esses detalhamentos parecem-me importantes para especificar a intervenção. Estávamos em um clube, oferecendo um espaço de escuta a uma atleta, em princípio, no que diz respeito a sua relação com a prática esportiva e tudo que isso implica.

Ana Maria falava muito das suas conquistas e aspirações. O lugar de atleta de sucesso que ocupava era claramente a via de identificação. Era extremamente dedicada, motivada, concentrada, enfim, tudo aquilo que, nesse meio, espera-se de uma atleta de alto rendimento. Junto com tanta atitude positiva frente à carreira Ana Maria também falava das dificuldades vivenciadas e de tudo que era preciso abdicar para estar onde ela estava. *“Às vezes eu choro sozinha – Deus me livre meu pai saber disso! – por não poder ir à festas da turma em função das viagens e por não ter tempo de ficar com minhas amigas!”*

Esse conflito vivenciado por jovens atletas a respeito da diferença de sua rotina em relação aos demais amigos é algo bastante recorrente. Nesse sentido, Valle (2003) estudou a construção identitária de jovens atletas de alto rendimento procurando mostrar o quanto a cultura esportiva os subjetiva de forma peculiar produzindo sentidos paradoxais em suas vidas. Se por um lado há um ganho narcísico evidente quando alcançam o sucesso, por outro há conflitos relativos à manutenção dessa prática em função das abdições necessárias e das diferenças que se estabelecem em relação à vida de outros jovens que não estão imersos na mesma cultura.

O atleta de alto rendimento necessita adequar-se a uma série de padrões de treinamento, de rotina, de dieta, etc., que o diferencia em muito das rotinas costumeiras dos indivíduos. O elevado nível de competitividade lhe exige um excessivo tempo de treinamento, muita seriedade e disciplina na busca de resultados satisfatórios, dedicação quase exclusiva e, algumas vezes, exclusiva ao treinamento. A prática do esporte de alto rendimento, portanto, produz diferenças em várias ordens - simbólica, cultural, econômica - àqueles que se dedicam a essa atividade. (p.8).

É certo que o rigor necessário nesse tipo de treinamento traz inúmeras compensações fazendo o esforço muitas vezes valer a pena. No entanto, a ênfase dada à vitória e à necessidade de superação muitas vezes ultrapassa o limite daquilo que poderia ser considerado saudável. Se a alta performance de um herói é

o traço identificatório do atleta, a impossibilidade de atingi-la é vivenciado com muito sofrimento. O atleta então personifica o sujeito contemporâneo de que nos fala Kehl (2001), um malabarista que não pode cair do seu lugar de visibilidade.

No caso de Ana Maria, isso era constante. Aquela atleta confiante, motivada, sofria ao extremo e desorganizava-se após uma derrota. Não conseguia organizar seu calendário competitivo ou traçar suas próximas metas, algo básico e de extrema importância no meio em que estava. É como se não pudesse existir senão através da imagem de campeã que com muito suor vinha construindo e sustentando.

A própria cobrança quanto ao seu desempenho era tamanha que quando era muito elogiada por olheiros ou patrocinadores Ana Maria dizia que se sentia horrível, já que teria de esforçar-se muito para manter-se onde estava afinal, *“Só me enxergam quando eu ganho. Quando perco nem olham para minha cara aqui no clube. Quando perco me sinto pisada. Eles não me valorizam”*. É claro que a posição em que a atleta se colocava dizia de sua história, de sua estruturação psíquica, mas que estava atravessada pelo discurso onde se inseria. Nos esportes de alto rendimento realmente muitas vezes somente o feito vitorioso é reconhecido, o que é fonte de grande sofrimento. A avaliação que podia fazer do seu desempenho era apenas relativa ao resultado final, ou ganhava ou perdia, se ganhava era como “se nunca tivesse jogado tão bem”; se perdia o golpe narcísico era terrificante.

Levar o corpo ao limite o tempo inteiro é expor-se ao risco de lesionar-se, o que é extremamente comum no esporte competitivo. Há inclusive um chavão comum a esse meio: “no esporte de alto rendimento existem dois tipos de atletas, aqueles que já se lesionaram e aqueles que ainda irão se lesionar”. A escuta do grande sofrimento do esportista de alto rendimento seriamente lesionado, e anterior a isso,

minha própria vivência desse fato em tempos longínquos, faz-me acreditar na dimensão potencialmente catastrófica dessa experiência. Nesse esporte o corpo em perfeito funcionamento para o desempenho máximo é o almejado, o que toma dimensões ainda maiores se pensarmos que na nossa sociedade há um grande investimento fálico no corpo. (KEHL, 2001).

Ana Maria começou a sentir dores no ombro, o que foi primeiramente diagnosticado como tendinite. Acompanhei diversas vezes em que precisava se ausentar do treino por uma ou duas semanas e, logo no primeiro dia em que voltava, contra todas as recomendações técnicas, querendo recuperar o tempo perdido, exagerava no treino e se lesionava novamente. *“Eu não aguento mais ouvir mijada de todo mundo, já sei que eu fiz errado”*, dizia-me a atleta.

Como coloca Valle (2003) o sofrimento acarretado pelo declínio da performance muitas vezes leva o atleta à sobrecarga de treinamentos e mesmo ao uso de drogas na tentativa nada produtiva de lidar com uma situação intolerável. No caso de Ana Maria, não se sair bem nos treinos, quando voltava de uma lesão, era quase insuportável. Só se convenceu de parar totalmente o treinamento até estar curada da lesão depois do dia em que foi muito mal em um campeonato importante. Tinha sido horrível perder porque, segundo suas palavras, todos que a conheciam ficaram pasmos de vê-la jogar tão mal. Ao mesmo tempo, ficava constrangida de falar sobre sua lesão, pois poderiam pensar que ela estava mentindo, dando desculpas. *“Se for para ir meia-boca, prefiro não ir.”* Só quando foi bastante elogiada em um torneio pôde falar aos outros de sua lesão.

Após voltar a treinar, ganhou o primeiro torneio que disputou, mas isso não era motivo de alegrias, Ana Maria chorava pelo verão perdido em treinamentos em vão com o acometimento da lesão. Agora estava de volta, mas muitos pontos atrás

no ranking. Foi convocada para a seleção do estado, todavia isso também não contava, pois chegaria no brasileiro despreparada. O treinador sugeriu que ela voltasse a disputar campeonatos brasileiros para se preparar para o seu próximo ano que seria mais forte *“mas é que está tudo tão bem assim que eu não quero sentir tudo aquilo de novo”*, dizia-me a atleta referindo-se ao fato de saber que seu desempenho nos brasileiros não seria tão bom, afinal, corpo não é máquina e precisaria de um tempo até chegar à forma desejada.

A notícia sobre a gravidade extrema da lesão veio em seguida. Ana Maria precisaria ficar pelo menos três meses afastada dos treinos e fazer fisioterapia. O que me impressionava na época era a negação da família e da equipe técnica em relação à gravidade da lesão. O pai pensava que a lesão era culpa dela já que não alongava direito. Já a mãe achava que a filha estava exagerando, afinal nem doía tanto. *“Quando eu me machucar para valer eles vão ver”*, desabafou Ana Maria. A atitude dos treinadores também era de culpabilização da atleta: que não aquecia e não alongava direito, que estava acima do peso, que tinha um baixo limiar de suportabilidade da dor...

Como coloca Vaz (1999), nesse meio parece não haver espaço para a dor, que é sempre vista como um obstáculo a ser superado e não como uma aliada na defesa da vida já que avisa quando algo não vai bem. Então, *“A grande questão da tolerância à dor e ao sofrimento relaciona-se com a possibilidade de a crueldade – e com ela a violência e a obediência – ser mediada, controlada e prescrita de forma racional, científica.”* (p.104). *“No pain, no gain”*¹², é um outro ditado comum no meio que denota o caráter sacrificial do treinamento esportivo.

Ana Maria ficou os três meses sem treinar como recomendado, desta vez

¹² Algo que pode ser traduzido como *“sem dor não há ganho”*.

seguindo à risca todas as recomendações. Voltou a treinar. Se lesionou novamente. Parou. Recuperou-se. Voltou. Lesionou-se novamente. Em uma conversa em conjunto com a atleta e seu fisioterapeuta o profissional que há anos a acompanhava foi direto: “*Se quiser treinar vai ser assim sempre, com dor, no limite, até estourar*”. A cirurgia ainda não era indicada em função da idade e, mesmo que ocorresse, não havia garantias de sucesso.

Com esse caso em especial, pude perceber que muitas vezes aquilo que é da ordem da impossibilidade como meta a ser atingida, dado os limites do real do corpo, é imaginariamente experienciado como impotência o que não é sem consequências para o sujeito que muitas vezes acaba encarando essas situações-limites como uma grande ferida narcísica, o que inclusive, muitas vezes, dificulta o período de recuperação. Da mesma forma, transpondo essa situação para além da vivência dos atletas é impossível gozar o tempo todo. Uma sociedade que se põe a negar a castração, também obstaculiza uma posição desejante.

O pensamento de Lebrun (2004) sobre a sociedade contemporânea vai ao encontro do que preconiza Melman (2001) quando fala de um funcionamento perverso no social na medida em que o sujeito não reconhece como genuínas, e inerentes à condição humana, suas limitações

Não devemos ler esse tipo de funcionamento como um convite à perversão, se, por perversão, devemos entender um desejo que fica essencialmente organizado pela instância imaginária, ainda que a ordem simbólica seja reconhecida, mas por um reconhecimento sobre o qual o sujeito nada quer saber? (p. 118).

Lebrun (2004) propõe que vivemos num “mundo sem limite”. Para o autor, o surgimento do discurso da ciência, quando o discurso da religião era o que vigorava, é um dos grandes responsáveis pelo declínio da função paterna, essa que nos insere em um universo simbólico mostrando-nos nossas limitações. Com todo o

desenvolvimento científico, o homem conseguiu coisas antes inimagináveis, levando-o a crer que o que ainda não alcançou, mais cedo ou mais tarde alcançará, ou seja, como se fosse somente por impotência e não por impossibilidade que ainda não tivesse chegado lá, numa pretensão totalizante.

(...) era a própria categoria do impossível que parecia poder ser expulsa, sendo levada, doravante, ao que, então, não era mais que uma impotência, sobre a qual se poderia pensar que, cedo ou tarde, seria impossível eliminar. Os novos poderes da ciência traziam a confusão entre deslocar o limite do possível e expulsar o lugar do impossível. (p.64).

Lebrun (2004) nos lembra que “... o impossível, longe de ser somente um obstáculo exterior a nós mesmos, está, ao contrário, inscrito em nós pelo fato de falarmos.” (p.187). Para o autor, vivemos num mundo atolado pelo imaginário aonde a dimensão simbólica - aquela que nos mostra que somos limitados, que a palavra não recobre a coisa, que não é possível tudo dizer - está arrefecida. Chama-a inclusive de simbólico virtual, como aquilo que só existe em potência e não em ato, já que estamos numa sociedade que não mais ratifica a função dos interditos.

Refiro-me à epígrafe deste texto: “A vida é indissociável da incompletude, da confusão do vir-a-ser constante que a incompletude promove.” (KEHL, 2000, p.144). Kehl (2000) coloca que a pretensão absolutizante é deletéria. Nesse sentido, quando o real do corpo aponta para a incompletude na forma de lesão em um corpo que é tratado como máquina remete o sujeito à dimensão da castração, que, enfim é o que nos permite falar, simbolizar, dimensionar a falta. Como coloca Nasio (1989)

A experiência inconsciente da castração é incessantemente renovada ao longo de toda a existência e particularmente recolocada em jogo na cura analítica do paciente adulto. Um dos objetivos da experiência analítica é, com efeito, possibilitar e reativar na vida adulta a experiência que atravessamos na infância: admitir com dor que os limites do corpo são mais estreitos do que os limites do desejo.” (p.13).

Durante o trabalho com a atleta meu papel era também de intermediar a sua relação com o treinador, alguém que ela reconhecia como um pai e que a

acompanhava desde pequena nos torneios. E sendo colocado no lugar de pai, tal relação era mesmo ambivalente, de amor e de ódio. Ele acolhia, mas cobrava (por vezes mais cobrava do que acolhia), elogiava, mas também criticava. Suas palavras tinham um peso monumental para a atleta. O treinador a achava imatura, e me falava que *“era preciso mandar que ela aquecesse antes do jogo senão não o fazia”*; também era pouco ambiciosa, *“se contentava com uma semifinal em um campeonato brasileiro”*. Para ele, ela precisava de um *“esporro às vezes para se dar conta”* e por isso a chamava de tonta, de besta e nunca elogiava demais. Tais atitudes a deixavam extremamente chateada. Seu esforço, aos olhos do técnico, nunca era suficiente, e sua maior dor era ouvir que não havia se esforçado o máximo até o final de uma partida e que, portanto, estaria gastando à toa o dinheiro dos pais. *“Faz anos que treino com ele e ele não me conhece”*, dizia Ana Maria.

Aragão e Ramirez (2003) traz uma contribuição muito importante a esta área ao questionar a pedagogia do esporte desde uma perspectiva psicanalítica. A autora coloca que, no ensino da prática esportiva, e em especial no treinamento de alto rendimento, muitas vezes o atleta é desconsiderado como sujeito na medida em que os modelos pedagógicos predominantes encontram-se num paradigma ainda positivista. Dessa forma, o esportista fica numa posição de objeto frente ao discurso do técnico, submetendo-se a um saber sem participar ativamente de seu processo de aprendizagem e sem que as questões subjetivas inerentes ao processo sejam consideradas. Haveria assim, de uma certa forma, um apagamento do sujeito atleta na medida em que o centro da prática é a busca da melhor performance e não o próprio atleta. A autora então defende uma prática pedagógica que permita o sujeito atleta aparecer em primeiro plano:

Neste sentido, a idéia de atleta-objeto – que sabe nada ou muito pouco – reflete-se numa educação concebida como a transposição de conhecimentos já aprendidos pelo técnico; em que o ensinamento do

esporte como conhecimento pronto acontece, por intermédio da repetição e da memorização da resposta certa. De outra forma, se o atleta é visto como sujeito, que se constrói valendo-se das experiências vividas, o conhecimento se afasta desse patamar pré-definido para dar suporte a própria experiência a fim de que se produza uma prática esportiva própria de quem pratica. (p.58).

Quando se trata do trabalho psicológico com atletas de alto rendimento a situação é parecida. A grande maioria das intervenções realizadas na área ainda se pautam em um modelo bastante positivista. Há a preocupação em treinar as habilidades psicológicas necessárias a um bom desempenho como a atenção, a concentração, o controle do nível de estresse e de ansiedade, etc. No entanto, muitas vezes o sujeito atleta, com suas angústias, suas vivências, seus sonhos, suas expectativas, suas frustrações não é escutado e dessa forma o foco do trabalho passa a ser a vitória e não o sujeito¹³. Nesse sentido, ao lado de autores como Valle (2003) e Regis (2004), defendo a possibilidade de uma outra forma de a Psicologia se encontrar com o campo esportivo.

Valle (2003) aponta para a necessidade de que um trabalho na área de psicologia do esporte vá além de temáticas cognitivas e motivacionais que visam a melhora da performance e se preocupe com a saúde mental do atleta de forma abrangente levando em conta que esse sujeito é efeito de práticas linguísticas e discursivas referentes à cultura esportiva. Regis (2004) faz uma crítica ferrenha à própria disciplina "Psicologia do Esporte" da maneira como vem sendo majoritariamente exercida, um especialismo técnico-científico capaz de aniquilar subjetividades

¹³ Tema esse que desenvolvi amplamente em trabalho anterior: DIAS, Mariana Hollweg. Psicologia, Esporte e Jovens Atletas: interfaces. 2003. Monografia (Graduação em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.

Se levarmos em consideração a infinidade de técnicas que os psicólogos do esporte tendem a utilizar, como as hipnóticas, as de ativação, as de controle da ansiedade, as de visualização das metas, todas elas funcionam sob duplo aspecto: em primeiro lugar, delimitam e subtraem determinada faculdade – concentração, pensamento, visão, etc. – ou determinado sintoma – estresse, cansaço, dor, angústia, etc. – da complexidade que o corpo abrange, como se fosse possível destacar qualquer uma delas sem interferir no funcionamento geral do psiquismo; o outro aspecto diz respeito à negação das singularidades específicas que cada corpo mostra necessitar produzir, pelo remetimento delas a um protocolo de comportamento ideal. (p.83).

Numa entrevista à Revista Tênis¹⁴, Marcelo Saliola, que foi um dos maiores talentos precoces do tênis brasileiro (aos 14 anos se tornou o mais jovem tenista a marcar pontos no ranking da ATP), ao falar dos motivos que o levaram a abandonar as quadras quando ainda haveria tanto a ser conquistado, elenca, dentre eles, a psicologia esportiva.

O trabalho de psicologia esportiva feito comigo era: “Vamos ensinar o Marcelo a se concentrar”. Tá legal, então mexe na corda, olha para o poste, fica sozinho no quarto e faz um castelinho de baralho. Maravilha, me concentrei pra caramba. Só que esqueceram que o menino Marcelo tinha 14 anos. Ele não tinha que aprender a se concentrar, o tênis era tão fácil para ele...As pessoas só se preocuparam com o tênis e esqueceram a minha vida. “Pô, vamos tomar cuidado que esse moleque pode pirar...” Eu tinha que aprender a viver, a saber por que eu era daquele jeito. (p.14).

O atendimento à Ana Maria se configurava assim como um espaço de escuta para os seus conflitos, inerentes à escolha de ser atleta de alto rendimento, momento mesmo de questionar tal escolha livre do julgamento alheio, de refletir sobre suas relações com figuras importantes como os pais e o treinador, enfim, questões também de sua passagem adolescente. O acometimento da lesão foi um período especialmente difícil, de muito sofrimento, em que esse espaço de escuta foi extremamente importante. Os treinadores negavam a gravidade, insistiam, a todo o momento, para que seguisse tentando. Ana Maria me falava da dificuldade de falar

¹⁴ Entrevista com Marcelo Saliola. **Revista Tênis**. São Paulo, ago. 2004.

disso em casa, ninguém conseguia ouvi-la. Enfim, a atleta decidiu abandonar as quadras e sustentar sozinha essa decisão, já que foi criticada por muitos, só ela sabia da sua dor que ia muito além daquela que sentia no ombro. O sonho, dali por diante, me contava a atleta, era de ser fisioterapeuta do esporte.

Então, penso na potência da escuta psicanalítica no trabalho com esses atletas. Ao contrário de muitas teorias psi que com suas técnicas parecem visar continuar tamponando a falta, a psicanálise, numa interlocução com o treinamento esportivo, permite resgatar a dimensão desejante tantas vezes negligenciada na instituição esportiva. Não se trata de assim julgar a pertinência deste ou daquele modo de treinar ou conduzir a carreira atlética e sim, de permitir que o atleta possa fazer suas escolhas sendo realmente sujeito da sua história e não apenas assujeitado a um discurso outrora instituído.

De um lado, se estamos na era do “gozar a qualquer preço”, experienciando um terrível sentimento de culpa ao não darmos conta desse designo, vivenciando uma incapacidade tremenda de lidar com as frustrações, o esporte de alto rendimento, muitas vezes, reverbera essa lógica. De outro lado, eu trouxe como uma hipótese neste capítulo o quanto a busca da superação eterna, e toda a dedicação necessária para tanto, diz do reconhecimento de uma limitação. Busco apoio aqui no pensamento de Lebrun (2004). Segundo o autor, querer o impossível não supõe que tudo seja possível, mas ao contrário, significa introduzir no real como impossível, um novo possível. Penso que estaria nesse nível a busca do atleta por superar-se. Entretanto, quando o real é entendido como inteiramente manipulável pelo simbólico, discurso da ciência que atravessa nosso laço social, esse real original é esquecido e confundido com tornar tudo possível. “É a partir desse implícito do discurso da ciência que o deslocamento do limite do possível é espontaneamente

confundido com a expulsão do lugar do impossível". (LEBRUN, 2004, p.106).

No próximo capítulo, com o referencial dos estudos utópicos, proporei a busca da superação como a utopia esportiva procurando resgatar a potência do esporte no laço social.

Cap.3

“Arete”

A utopia esportiva

*Das Utopias
Se as coisas são inatingíveis...ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A mágica presença das estrelas!
(Mario Quintana)*

3.1 Utopias

“Utopia” foi o nome dado a uma ilha em uma narrativa de 1516 de Thomas Morus, em que as pessoas eram sábias e felizes já que viviam num sistema político e social que beirava a perfeição. O autor tecia críticas ao sistema de sua época e apresentava um lugar onde as coisas funcionavam de maneira a tornar a sociedade mais harmoniosa. Seguiram-se a essa produção inúmeras outras narrativas que apontavam para uma *utopia social*, descreviam lugares e sistemas onde outra realidade diferente da existente era possível. Anos mais tarde o então chamado pensamento utópico passa a ser objeto de reflexão filosófica para além de um gênero literário.

O espírito utópico desperta um pensamento crítico que marca o século XX. Segundo Barbanti (2000), a utopia se caracteriza por ser a manifestação histórica de um sujeito racional que, numa crítica implícita ao presente, prefigura uma outra forma de vida possível. Para Bloch (2005), a utopia está ligada àquilo que ainda-

não-veio-a-ser, ao sonho para frente, ao antecipatório. A esperança, definida pelo autor como a mais humana das emoções, nosso afeto militante, impulsiona esse sonho. Sendo assim, a categoria do utópico tem o sentido de ultrapassar o curso natural dos acontecimentos tendo “a importante função de resistir aos imperativos do consenso que cada vez mais o laço social nos impõe.” (SOUSA, 2007, p.14).

Jacoby (2007) sublinha que na tradição encontramos uma escola utópica projetista e uma iconoclasta. Os utopistas projetistas detalharam especificamente como seria o futuro, como as pessoas deveriam trabalhar, comer, vestir-se, brincar. Para o autor, tal planejamento excessivo soa autoritário e repressivo, afinal há uma maneira correta que as pessoas deveriam seguir. Já nas utopias iconoclastas, há o mesmo anseio por uma sociedade justa e igualitária, mas não é apontada qual seria essa sociedade ideal. Os iconoclastas mantinham os ouvidos abertos, e não cristalizavam o futuro em uma imagem. Muitos desses teóricos são judeus, por isso o autor sugere que a utopia iconoclasta apoia-se possivelmente na tradição judaica em que a representação visual de Deus é proibida, a oração judaica começa com “Ouça, ó Israel”. “Pistas, fragmentos e suspiros – não projetos – sustentam essa esperança.” (p. 210).

Já Bloch (2005) fala das utopias concretas e das abstratas. A fantasia da função utópica não é um devaneio qualquer, mas ela anuncia um possível real, algo que pode ser esperado. As utopias de formulação abstrata carecem de amadurecimento.

Poderá haver objeção contra utopias malfeitas, isto é, contra aquelas que divagam abstratamente, incorretamente mediadas. Contudo, exatamente a utopia concreta tem na realidade do processo um correspondente: o do novum mediado. Somente essa realidade do processo e não uma faticidade absolutizada e reificada, arrancada de dentro da realidade, pode formular um juízo a respeito dos sonhos utópicos ou rebaixá-los a meras ilusões. (p.195).

Sousa (2006) destaca que é um grande equívoco ler as utopias como prescritivas como se elas pudessem anunciar o segredo da felicidade

Os textos utópicos nada mais são que ficções que buscam simplesmente pela força da imaginação abrir uma ferida crítica nas paisagens de nosso tempo. Pretendiam, portanto, provocar suas épocas com pensamentos e assim abrir novas fronteiras para a imaginação e a responsabilidade diante da história. Thomas Morus e sua Utopia, Tommaso Campanella e sua Cidade do Sol, Francis Bacon e sua Atlântida e tantos outros materializaram em texto o que Ernst Bloch nomeia como princípio Esperança. Esperança crítica que para sonhar para frente precisa conhecer minimamente alguns princípios de funcionamento da máquina social. (p.71).

3.2 Potencial utópico do ideal esportivo

Proponho pensarmos o esporte como uma utopia. Mas de que utopia se trata? Para o que ela aponta?

Como trabalhamos no capítulo anterior, no esporte de alto rendimento os atletas treinam visando ao desempenho máximo, seus corpos são colocados a serviço da performance ideal, distanciando-se dos “simples mortais”. Gumbrecht (2007), no livro chamado *Elogio da Beleza Atlética*, fala do fascínio exercido pelo esporte abordando justamente esse ponto. Para o autor os atletas se transformam em objeto de admiração em função da distância que separa espectadores e esportistas no que tange a possibilidade de desempenho.

Às vezes, a distância entre mim e meus heróis atléticos parece ficar menor do que a maioria de nós tende a acreditar em nossa racionalidade cotidiana. Talvez não devamos descartar a possibilidade de que o fato de assistir a esportes nos permita ser, subitamente, de alguma maneira, um daqueles lindos e lindamente transfigurados corpos. (2007, p.32).

Levando em consideração a crise de valores quanto a uma identificação possível na atualidade, vemos o quanto o desempenho ideal almejado pelos atletas

pode servir como um horizonte identificatório. Na busca da excelência é preciso determinação e muita disciplina, dedicação e uma dose de paciência. O imediatismo não cabe aqui. É preciso confiar na equipe técnica e nos colegas, no caso do esporte coletivo, onde o fator cooperação é importantíssimo. É necessário não desanimar após uma frustração, inerente ao envolvimento com competição, e ter garra o suficiente para seguir tentando, mesmo quando o caminho parece extremamente árduo. Se por um lado, toda essa vivência esportiva pode apontar para um aspecto opressor desse meio, por outro, podemos pensar o quanto esses valores (determinação, disciplina, dedicação, etc) têm um potencial extremamente construtivo no laço social. Além disso, a congregação e a igualdade de classes, presentes nas grandes narrativas utópicas sociais, estão fortemente associadas ao meio esportivo como também trabalhamos no capítulo 1.

Gumbrecht (2007) destaca que a tradição intelectual ocidental trabalha com dois conceitos que vêm da Grécia antiga para pensar o esporte: *agon* e *arete*. *Agon* está relacionado com luta, com competição que, segundo o autor, é associado com tensões potencialmente violentas dentro das regras do esporte. Já *arete* refere-se a busca pela excelência visando levar a performance aos limites. Para o autor, o componente dominante da performance atlética é a *arete* já que a própria busca pela excelência implica competição.

Se eu fosse fazer um elogio mais à competição que à excelência, confirmaria uma visão sobre o esporte que lhe rendeu sua má reputação entre tantos intelectuais. É a imagem dos atletas e dos torcedores como um bando de neuróticos roedores de unhas, movidos a ansiedade, viciados numa competitividade pontilhada de capitalismo e moldados pelo estresse que tal competitividade supostamente produz. A busca pela excelência e a colocação dos limites à prova, porém, eliminam todas essas associações negativas e projetam uma visão muito mais nobre – ou pelo menos bem menos condescendente – do esporte. (p.58).

Se pensarmos a *arete* como o componente dominante da performance atlética, em que o caminho na busca pela excelência é colocado em primeiro plano,

podemos considerar o esporte de alto rendimento como uma utopia iconoclasta segundo o proposto por Jacoby (2007). Isso pode ser considerado, visto que há uma intenção de melhora em relação à situação atual mas o acento maior está na busca desse objetivo mais no que no que o resultado final da competição, não está em um projeto já pronto, mas numa aspiração.

O acento no caminho que contém “a mágica presença das estrelas” – numa referência à epígrafe deste texto - configura-se como a utopia esportiva, pois, se o importante é o caminho e não a chegada vitoriosa, o fracasso não é visto com o desdém que a sociedade capitalista preconiza. Jameson (1997) já colocava que a vocação da utopia é o fracasso. Jacoby (2007) destaca nesse sentido que a história das comunidades utópicas em geral é de fracasso, no entanto, algo de positivo ainda resulta dessa experiência que foi capaz de transformar pessoas e percepções.

A teorização de Bloch (2005) sobre metas nos auxilia a seguir pensando no lugar do *desempenho sempre melhor que o anterior*, ideal almejado no alto rendimento. O autor fala em dois tipos de metas, a ideal e a habitual. Quando uma delas busca além do desejável e almejável, a perfeição, ela recebe o nome de ideal. A meta ideal não permite concessões e é investida irrevogavelmente, impondo-se como um dever, sendo que o não-cumprimento é acompanhado da má consciência, ou, ao menos, de um sentimento de renúncia. Haveria uma ilusão de valor tanto na meta habitual quanto na ideal. Naquela tal ilusão pode ser desfeita pela experiência, já nesta muitas vezes a ilusão do objeto ideal só pode ser desfeita mediante uma catástrofe e, ainda assim, nem sempre. Traz como exemplo os ideais políticos os quais continuam tendo influência como ideais autênticos mesmo após catástrofes empíricas. A fantasia utópica, alerta Bloch (2005), aponta para um possível real.

Façamos um paralelo com o ideal esportivo de superação. É possível bater

recordes infinitamente? Qual o limite do ser humano? O que Bloch vai alertar é que nem toda formação de ideais está limitada ao dever-ser, há um lado mais livre, uma antecipação genuína no ideal, já que é de sua natureza estar numa relação de tensão com o que existe e daí a sua função utópica . “ ...ressoa no ideal a resposta do sujeito à vida imperfeita, a resposta tendencial contra o insuficiente, em favor do humanamente apropriado” . (2005, p. 172).

Da mesma forma, o ideal esportivo de superação pode estar tensionando o presente e cumprindo a função utópica de levar o desejo, como algo que nos move em direção à vida, adiante. Ele não precisa estar limitado a um dever-ser opressor, pode aprender com a experiência e fazer concessões quando a sua exigência corre o risco de aniquilar o sujeito.

O pensamento de Bloch (2006) a respeito do esporte vai nessa direção. Diz o autor, que ainda que a luta por melhoras seja muitas vezes substituída pela "superação de recordes", denotando o caráter político do esporte e por isso mesmo via fácil de expressão dos sintomas de uma época, o exercício atlético continua desejante e esperançoso

Não apenas visa assumir o controle do corpo, de modo que não aja nele gordura e que cada movimento flua suave e desinibidamente. Visa também fazer mais, poder ser mais com o corpo do que lhe foi cantarelado no berço. Na postura esportiva genuína isso é bem diferente da postura cosmética diante do espelho, da maquiagem, que à noite é retirada das feições femininas, ou das demais remodelações que são retiradas ao se tirar a roupa. O corpo justamente não deve ser encoberto, mas sair das distorções e deformações que a sociedade de divisão do trabalho, da alienação, também lhe causou. (2006, p.11).

3.3 A utopia tecnicista

Nos séculos XIX e XX houve um declínio das utopias clássicas e a ascensão

do chamado utopismo tecnológico. É como se o grande desenvolvimento da técnica, das tecnologias, das tecnociências trouxesse a esperança de enfim dominar a natureza e assim concretizar uma antiga fantasia utópica. O mal estaria justamente em identificar tal desenvolvimento com progresso e não apenas como um instrumento possível para tal. (SFEZ, 1995; BARBANTI, 2000). Como nos lembra Bloch “...mesmo uma pitada de pessimismo seria preferível à fé no progresso automático...”. (2005, p.197).

Nesse sentido, Sfez (1995) faz uma crítica ao que seria a grande utopia mobilizadora do ano 2000, a “saúde perfeita” ou “grande saúde”, que pretende ter o controle não só do corpo como de todo o planeta na busca do homem perfeito. Para tanto, o corpo é submetido a um rigoroso controle de qualidade para o qual a entrada da tecnologia é indispensável.

(...) radiografado, auscultado, em suas menores dobras, substituídos por pedaços, enxertado em todos os sentidos, prometido à sobrevida de seus órgãos, o corpo humano é fonte e foco de pesquisas, tecnocientíficas e paracientíficas, provocando uma inflação de proibições e de injunções que confluem num discurso de mídia bastante confuso, de práticas autoritárias até o totalitarismo: governos, comunidades científicas, “sábios” reunidos em comissões de vigilância chamadas bioéticas tomam medida sobre medida. (p.41).

Mas a utopia da grande saúde não é apenas um assunto técnico, implica a introdução de uma “moral sanitária politicamente correta”. Nesse sentido o autor aponta que há uma moral do bem-comer (sem-colesterol), beber um pouco (vinho tinto para as artérias), ter práticas sexuais de parceiro único (perigo da Aids), respeitar permanentemente sua própria segurança e a do vizinho (nada de fumo). A isso eu acrescentaria a moral do exercitar-se (no mínimo 30 minutos ao menos 3 vezes por semana, a fim de evitar uma série de riscos). Ou você não se constrangeria de assumir que é um grande preguiçoso e não se mexe em prol de sua saúde? É claro que a questão aqui não é negar todas essas regras de boa

conduta – aliás, eu as cumpro à risca! – mas é de refletir sobre o aspecto impositivo e moralizante que por vezes acabam tomando.

Barbanti (2000) se posiciona contra a ingênua exaltação da técnica numa discussão sobre a arte techno-cyber. O autor faz toda uma crítica a artistas como Stelarc que, segundo ele, acreditam no benefício da técnica por si mesma e expressam esse pensamento modificando seus corpos com artefatos tecnológicos em suas performances.

Na nebulosa tecno-cyber não se trata mais de trazer a atenção e o propósito do artista (e por seu viés de qualquer outro ser humano) ao simples cotidiano: de deixar as coisas serem como elas são como teria dito Cage. Também não se trata mais de confrontar uma arte cada vez mais separada da produção real do sentido e das imagens e presa numa gaiola funcional e comercial. Também não há esperança de reequilibrar uma vida completamente alienada e separada de toda forma de criatividade crítica e de reavivar um imaginário poético. Para o artista tecno-cyber, ao contrário, a arte consiste em experimentar e elevar a existência a este sonho imediato que tem na máquina cyber e mais em geral na tecnociência seu centro fundamental. Sua vontade exposta de mudar a vida corresponde na realidade a esse desejo de conformá-la, consciente ou inconscientemente, ao dispositivo técnico percebido como profundamente libertador. (p. 134).

“Braços múltiplos” (fig.1) é uma obra de 1982 que representa bem o intuito do artista Australiano. Stelarc faz do seu corpo a tela. Ele entende que o corpo humano, por ser imperfeito, necessita mesmo da técnica para tornar-se potente. Em suas performances, implanta próteses e micromáquinas utilizando-se de tecnologias da medicina, da robótica, da realidade virtual num intuito de expressar o diálogo possível e necessário do humano com as máquinas, do natural com o artificial, encarnando esse híbrido.

Para o artista, é como se o corpo não funcionasse mais adequadamente frente às exigências atuais e, portanto, não pudesse mais ser pensado sem as tecnologias que o complementam rompendo limites biológicos e culturais. Stelarc defende que considerar o corpo obsoleto pode ser o auge da tolice tecnológica ou a maior das realizações humanas. (COUTO e GOELLNER, 2006).

Barbanti (2000), através de toda uma crítica à arte tecno-cyber, aponta para um ponto nevrálgico: no momento em que através da técnica se busca a realização dos desejos utópicos, renunciando-se muitas vezes à reflexão crítica, a própria função da utopia é posta em risco. Haveria assim, ao lado da santificação da técnica, desprezo pela insuficiência do humano. O autor alerta que essa crença na técnica, que torna ideológico o utopismo técnico, traz um paradoxo, visto que, ao mesmo tempo em que buscamos dominar a natureza pela técnica, somos dominados pela própria técnica, ou seja, na medida em que ela se torna vital e necessária, nos faz refém. Além disso, para o autor, a funcionalidade da obra de arte que foi tão criticada por artistas como Duchamp acaba por ser exaltada nesse tipo de obra onde haveria uma economia de reflexão crítica sobre a sociedade.

Há ainda o perigo da generalização: “O super-homem da Grande Saúde é aquele que é visado para a humanidade inteira. Ideologia totalitária em formação que se esconde no culto da vida.” (SFEZ,1995,p.320). Se para todos inquestionavelmente algo passa a ser imposto como bom, como necessário, passamos de um furo na imagem proposta pela utopia para uma cristalização da mesma.

Para Sousa (2002) todo ato criativo, é um ato utópico já que se propõe a fundar um novo lugar de enunciação e assim recuperar “esperanças empacotadas”. Barbanti (2000) vem justamente questionar a dimensão utópica do ato desses artistas e dessa forma acaba por apontar o próprio esgotamento da utopia frente a um tipo de utopia tecnicista, a tecno-cyber

Mais ainda o que acontece com a utopia na época da ultramedialidade? Se a arte tem essa capacidade de prefigurar e indicar as tendências fortes de uma dinâmica coletiva do imaginário e logo, de um futuro cenário social e de civilização, então a tendência tecno-cyber parece implicar uma ruptura com uma realidade portadora de uma dimensão utópica. (p.155).

Falamos do potencial utópico do ideal esportivo da busca da excelência. Fazendo um paralelo com as discussões sobre a arte, estaria ele ameaçado pelo papel desempenhado pela técnica? Como refere Gumbrecht “Alguma coisa acontece aos corpos nos grandes momentos do esporte, algo para o qual os corpos não foram feitos”. (2007, p.128). E se é para algo para o qual os corpos não foram feitos que se está indo, então a entrada da técnica é fundamental. Os valores implícitos ao fenômeno técnico são a busca pela realização de uma maior eficiência e de um maior domínio (mestria), que são parecidos com os valores do esporte de rendimento na busca constante pela excelência.

Eficácia e domínio sobre um corpo físico ultrapassado, eficácia e domínio sobre uma coletividade social por um lado inadministrável, eficácia e domínio sobre um espírito que numa visão neocartesiana e mecanicista é transformado em simples inteligência artificial e que, assim torna-se inteligível pelo poder reducionista desse mesmo processo e finalmente percebido e sujeitado. (BARBANTI, 2000, p.190).

Temos então, nesse tipo de prática esportiva, a busca de um ideal de desempenho, um ideal de perfeição a ser atingido o qual só um corpo perfeitamente treinado, delineado, potente é capaz de atingir. Há uma utopia de ir além que só a técnica permite.

3.4 A metáfora maquinal no esporte

Hoje em dia, o atleta do esporte-espetáculo é aquele que tem a tecnologia a seu lado, e esse é um ponto fundamental. Como lembra Bauman (2001), o próprio fato de estar em busca do recorde tem a ver com o surgimento da máquina e a possibilidade vinda com isso de um maior domínio do homem sobre o tempo e o

espaço

No tempo das olimpíadas gregas ninguém pensava em registrar os recordes olímpicos, e menos ainda em quebrá-los. A invenção e disponibilidade de algo além da força dos músculos humanos ou animais foi necessária para que essas idéias fossem concebidas e para a decisão de atribuir importância às diferenças entre as capacidades de movimento dos indivíduos humanos [...]. (p.178).

Na busca constante pelo recorde, tem sido de extrema importância o papel desempenhado pelos avanços da ciência já que, quando falamos de milésimos de segundos, um pequeno detalhe é capaz de fazer uma grande diferença. Dentre todo o arsenal tecnológico, temos os estudos científicos capazes de indicar os efeitos do treinamento e a melhor forma de conduzi-lo, progressos na construção dos complexos esportivos, roupas e materiais esportivos cada vez mais sofisticados fazendo parte do arsenal necessário. (RUBIO, 2002; 2006).

Em ano de Olimpíadas pudemos acompanhar o lançamento de muitos desses artefatos. Em Pequim 2008, um em especial é exemplar para a nossa discussão, o traje de banho chamado LZR Racer da Speedo que prometia proporcionar um melhor desempenho. O tecido do supermaiô desenvolvido pela NASA facilita os movimentos do corpo diminuindo a resistência da água. Há uma cinta estabilizadora ao redor do abdômen que ajusta o corpo em sua melhor posição o que facilita a flutuação e reduz a oscilação muscular durante a prova. Muitos recordes foram quebrados nas provas de natação nesses jogos, como nunca antes na história do esporte, alguns chegaram a ser batidos duas vezes, na fase classificatória e depois na final. Falou-se inclusive em “doping tecnológico”, seriam os maiôs a baterem os recordes? A resposta ficou um pouco difícil afinal a estrutura da piscina em si também teria tido uma importante contribuição! Um detalhe: o maiô “mágico” fica inutilizável após 10 usos. Ao lado da efemeridade dos recordes, fica evidente a efemeridade da própria técnica.

Na busca pela excelência, o corpo do atleta é submetido cada vez mais a toda uma ordem biotecnológica. Como aponta Valle (2003), exames de lactato, de capacidade cardio-respiratória, estabelecimento do percentual de gordura, etc. vão submetendo o corpo a um verdadeiro controle de qualidade. Nesse sentido, o atleta da contemporaneidade é um ícone da utopia da Grande Saúde, apontada por Sfez (2005), tendo o corpo esquadrihado na busca do funcionamento perfeito.

Dessa forma, vemos o quanto o esporte de alto rendimento é palco privilegiado do que Rouanet (2003) aponta como uma característica do lugar dado ao corpo pela ciência. Se por um lado ele é muito valorizado no sentido de que se busca dia-a-dia revelar seus mistérios a fim de dominá-lo, por outro isso leva a certa banalização, instrumentalização e até mesmo a mercantilização do corpo. Segundo o autor, a expressão *Homem-máquina*, que foi o título do livro de um filósofo do século XVIII chamando Le Mettrie, está na ordem do dia. Nesse livro ele radicalizou a ideia de Descartes para quem os animais não tinham alma e funcionavam como máquinas. Para Le Mettrie, o homem era muito próximo dos animais, portanto, também era conjunto de engrenagens puramente material, sem substância espiritual. Acontece que, pensado como máquina, o corpo do atleta rapidamente mostra seus limites, ponto que já tocamos no capítulo 2.

Em uma reportagem apresentada pelo canal Discovery Channel em 3 de agosto de 2008 sobre a preparação da equipe dos Estados Unidos para as Olimpíadas, um membro da equipe técnica mostrou todo o aparato tecnológico envolvido e falou: “Eles precisam da ciência porque são mortais. As mínimas barreiras que superam fazem a diferença.” Ah, são mortais?! A declaração de tão ingênua, soa irônica. Ou seria uma forma de denegação da falibilidade humana?

Dominar a natureza, conforme nos lembra Vaz (1999), está diretamente

relacionado às grandes conquistas da humanidade. E o domínio do próprio corpo no esporte seria um ícone disso, denotando certa objetualização, algo como: “eu possuo um corpo o qual a técnica me permite dominar”. Nesse sentido, Sant’Anna (2001) destaca que se nas sociedades antigas importava sintonizar o corpo com o cosmos ou com as forças sobrenaturais, hoje a busca é por sintonizá-lo ao consumo e aos objetos tecnológicos. A essa linha de pensamento seguiu-se o darwinismo social e o uso do biopoder, definido por Foucault* como tentativa de provocar a docilidade social pela ação sobre os corpos. Há toda uma submissão dócil e disciplinada do atleta à metodologia do treinamento esportivo em busca do rendimento. Santin (1994) atenta para a duplo significado da palavra render : que pode ser o ato ou efeito de render-se assim como pode ser entendido como uma ação eficiente e produtiva. Submissão e produtividade. Ambas presentes no esporte de rendimento e no laço social.

Há uma cena do filme “Poder além da vida. Nada é por acaso”¹⁵, baseado no livro de Dan Millman em que ele conta as glórias e percalços da sua carreira atlética, que é especialmente interessante para pensarmos o que chamei de metáfora maquinal no esporte. O filme inicia com um pesadelo do atleta onde ele se vê lesionado após a saída de uma sequência de exercícios nas argolas, seu aparelho principal. No momento em que toca o solo, um de seus tornozelos se esfacela em pedacinhos como uma peça de vidro muito frágil. Cena de dor e desespero para um atleta que está às vésperas de uma seletiva para os jogos olímpicos. O interessante é justamente a maneira como o seu corpo é representado, como peça, como máquina. Mas, ao mesmo tempo em que o humano é deixado de

* FOUCAULT, Michel. **A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

¹⁵ Poder Além da Vida. Direção de Victor Salva. [EUA], 2006. 1 filme (120min)..

lado, a fragilidade é mostrada, já que a “peça” não parece nada resistente. Aqui está o paradoxo: ao mesmo tempo em que o treinamento no esporte de alto rendimento busca a superação a todo o momento, às vezes de forma maníaca negando o próprio limite real do corpo, o faz até encontrá-lo.

Sausse (2007) utiliza-se do conceito de “corpo-extremo” para se referir a situações em que o corpo é levado às fronteiras do humano tanto voluntariamente (e aqui se refere desde as modificações provocadas por cirurgias plásticas, tatuagens aos artistas que usam o corpo infligindo-os aspectos não humanos) quanto involuntariamente (o corpo deficiente, o corpo envelhecido, o corpo queimado, todos atrelados à questão do trauma). Para a autora a

(...)desumanização do corpo seria uma maneira paradoxal e subversiva de perseguir aquilo que o humano tem de irredutível. Neste sentido, o corpo pós-humano como o corpo extremo, é um corpo demasiado humano, pois que ele vem nos interrogar dolorosamente sobre aquilo que resta do sujeito humano em um corpo não-humano. (p.10).

Seria o corpo do atleta de alto rendimento um corpo-extremo na medida em que busca um corpo mais que humano? Sendo assim, a busca pela perfeição, pela superação a todo o tempo não seria justamente a procura desse resto de humano? O que nos recorda o sujeito que bate o recorde? Não é justamente a nossa limitação?

Os limites das intervenções tecnológicas permitidas no corpo do atleta é uma questão que está na ordem do dia para o esporte de alto rendimento. O pesquisador Andy Miah¹⁶, autor do livro *Atletas Geneticamente Modificados: Ética Biomédica, Dopagem Genética e Esportes* em uma entrevista a um site da internet chega a afirmar que o esporte é uma atividade tecnológica e que sendo assim a ideologia do homem

¹⁶ MIAH, Andy. Atletas geneticamente modificados. 16 sep. 2004. Disponível em: <http://escriba.org/novo/?p=4>. Acessado em 7 de janeiro de 2007.

natural não faz mais nenhum sentido nesse meio. Ele defende, por exemplo, a modificação genética, também chamado de doping genético e proibido atualmente¹⁷. Afinal o que é permitido? O que é considerado natural ou artificial? Essas questões vieram à tona durante as Olimpíadas de Pequim com o caso do atleta Oscar Pistorius que foi amplamente divulgado pela mídia.

Oscar Pistorius é um corredor sul-africano de 21 anos que teve as duas pernas amputadas quando criança e corre usando próteses especiais. (fig. 2). O atleta é vencedor e detentor de recordes em paraolimpíadas e mundiais paraolímpicos. Acontece que em 2007 o tempo de Pistorius nos 400m fez dele o segundo melhor atleta na prova em seu país entre competidores sem deficiência, o que o levou a buscar a chance de representar a África do Sul no revezamento 4 x 400 nos Jogos Olímpicos. Depois de ter o seu pedido de participação rejeitado pelo Comitê Olímpico Internacional por este julgar que as próteses poderiam lhe conceder vantagens, Pistorius apelou para o Tribunal Arbitral do Desporto que, em decisão inédita, o autorizou a participar das seletivas olímpicas. O atleta ficou a milésimos de segundos do índice. Acabou participando dos jogos Paraolímpicos e sagrando-se campeão nos 100m, 200m e 400m na categoria T44 (uma amputação única abaixo do joelho, apesar de sua categoria ser a T43, duas amputações).

¹⁷ O autor explica como a modificação genética traria benefícios: “As aplicações atuais indicam maneiras de se aumentar a massa muscular utilizando-se de fatores de crescimento, como o IGF-1, que é parecido com a insulina. Para aumentar a capacidade de resistência de uma pessoa, pode-se promover o desenvolvimento dos glóbulos vermelhos do sangue, que carregam oxigênio pelo corpo. Isso é possível pela introdução de DNA externo por meio de um vírus, que infectaria uma determinada área do corpo do atleta com o novo DNA. No entanto, outras aplicações são possíveis também. A transformação ou desligamento de certos tipos de fibras musculares para otimizar o uso das fibras desejadas poderia ajudar aos corredores de longas distâncias. A alteração genética da sensação de dor também poderia beneficiar um atleta durante uma competição.”

Reinach (2008), em matéria escrita no Jornal O Estadão, afirma que o caso de Oscar Pistorius ressuscita uma questão discutida pelos naturalistas no século XIX deslumbrados com a aparente perfeição dos seres vivos e ironiza:

Como são produzidos seres vivos, ou, pernas tão perfeitas? Para os criacionistas foi Deus, que perfeito, criou os seres vivos a sua imagem e semelhança. Para os evolucionista foi a evolução Darwiniana, que teve milhões de anos para testar e selecionar os genes responsáveis pelo funcionamento de nossas pernas. Mas para o IAAF (*Federação Internacional de Atletismo*), parece que a perna mais que perfeita foi criada pela tecnologia humana, mais especificamente por uma empresa da Islândia chamada Ossur.

Se a prótese de Oscar Pistorius é capaz de trazer vantagens sobre os adversários com “pés naturais”, haverá um dia em que os atletas substituirão seus órgãos e membros por outros mais eficazes? Na reportagem do New York Times publicada pelo site www.G1.com.br¹⁸, Leon Fleiser, gerente geral do Comitê Olímpico Africano, pergunta-se: “O manual diz que um pé deve estar em contato com um bloco de partida. Qual a definição de pé? É um pé protético ou um pé natural?” Os atletas já modificam seus corpos das mais variadas maneiras, a mesma reportagem cita como exemplo o fato de rebatedores de *baseball* se submeterem à cirurgia a laser nos olhos para melhorar a visão. Até onde vamos?

Todas essas questões que envolvem a ética no mundo esportivo no que diz respeito à relação com as tecnologias, seriam motivos suficientes para um outro trabalho de pesquisa. A intenção aqui não é nem de longe esgotar o tema, o trouxe apenas para alavancar a discussão sobre a utopia esportiva. Barbanti (2000) fala da ameaça à utopia própria da arte quando a exaltação à técnica passa a ser central na

¹⁸ Atleta deficiente quer competir nas Olimpíadas e causa polêmica. www.G1.com.br. 15 mai. 2007. Acessado em: 26 jan. 2008.

obra. E se necessitamos da técnica para tornar concreta a utopia esportiva da busca constante pela perfeição, por chegar onde nenhum outro corpo antes chegou, ainda assim o esporte se sustentaria como uma utopia? O espírito utópico do esporte está em declínio? Frente ao domínio técnico é possível pensar na *arete* como ideal esportivo? O esporte ainda cumpre uma função? O que ele ainda traz como potência?

Penso que, a priori, o espírito utópico do esporte não está ameaçado pela técnica desde que a possamos pensar como não dogmática. O esporte ainda pode oferecer imagem de superação que tenha função de fortalecer o laço social, compartilhamento de um ideal, desde que no diálogo com uma técnica que seja “imperfeita”, não diga tudo deixando espaço para o sujeito.

Vaz (2000) traz importantes contribuições a esse respeito ao tecer relações entre a obra de Walter Benjamin e o esporte de alto rendimento. No texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, Benjamin (1936) por um lado mostra-se simpático à técnica e suas possibilidades de reprodução e por outro mantém uma crítica a respeito de sua fetichização. Uma curiosidade: nas notas preparatórias para a escrita desse ensaio, o autor faz alguns comentários sobre o esporte e os jogos olímpicos em que compara a organização do desporto com a estrutura científica do taylorismo, antecipando a discussão da relação entre o esporte e a lógica industrial, que viria vinte anos depois com a sociologia do esporte, ideia que fora abordada no capítulo 1. Para Benjamin, o esporte teria um caráter prescritivo que subjugaria o comportamento humano a uma severa medição em segundos e centímetros, dessa forma, além da luta contra o outro, no esporte passa a ser fundamental a concorrência com a máquina que mede o tempo e o espaço.

Vaz (2000) destaca que na Tese 15 sobre o Conceito de História Benjamin* falará do relógio como o aparato que representa o tempo homogêneo e vazio, uma temporalidade linear justamente contra a qual a sua filosofia da história se dirige. Propõe, então, que pensemos o esporte e a sua história a partir da crítica de Benjamin em relação ao tempo histórico homogêneo e vazio que tem como mote o progresso infinito.

O esporte é um dos principais vetores da idéia de um progresso linear e infinito, cuja concepção de natureza é fortemente vinculada à produtividade e tecnificação. As metáforas maquinais em relação ao corpo, tão típicas da modernidade, não são figuras de linguagem inocentes. Talvez por isso ainda prepondere uma história por vezes bastante celebrativa dos feitos esportivos, que desconsidera a dialética entre progresso e regressão.(p.87).

Então, que a técnica não seja *a priori* sinônimo de progresso no campo esportivo, que não sofra fetichização ou repulsa. Retomemos a crítica de Lebrun (2004) sobre o “mundo sem limite” no qual vivemos. Lembra o autor que o homem “...graças à tecnologia de que dispõe, pode visar deslocar o impossível e arrisca-se, facilmente, a confundir isso com o fato de poder expulsá-lo... (p.100). Não há como, o “tudo é possível” é uma impossibilidade estrutural para nós seres de linguagem.

Jacoby (2007) alerta que a utopia nasce de uma crítica e é responsável pelas transformações. Logo, se algo está em questão hoje em relação ao utopismo técnico e à repercussão disso no mundo esportivo há de se levantarem questões. Afinal, essa é a função do pensamento utópico, “um desassossego do presente acossado pela responsabilidade com o amanhã”. (SOUSA, 2007, p.26). E esse foi justamente o intuito do que abordei neste capítulo.

* BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In: Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

“*Sprint Final*”¹⁹

Conclusão?

Mas a infância não é nostalgia, nem terror, nem paraíso perdido, nem Tosão de ouro, mas talvez horizonte, ponto de partida, coordenadas a partir das quais os eixos de minha vida poderão encontrar seu sentido. Mesmo contando apenas, para escorar minhas lembranças improváveis, com o apoio de fotos amarelecidas, de testemunhos raros e documentos insignificantes, não tenho outra escolha senão evocar o que por muito tempo insisti em chamar o irrevogável; o que foi, sem dúvida, para hoje não ser mais, mas o que foi, também, para que eu seja ainda.
(PEREC, 1995, p.21)

O personagem narrador de *W ou a Memória da Infância* escreve na tentativa de tecer algumas costuras entre as poucas e tristes lembranças de uma infância vivida em meio ao Holocausto. A ficção sobre a terra em que o esporte é rei - W - o ajuda a criar a sua história, a construir um entendimento do que se passou consigo. O indizível da experiência da guerra é justamente o que desencadeia a sua escrita.

Primeiramente, na introdução dessa dissertação, procurei deixar claro o quanto refletir sobre as questões em torno do esporte de alto rendimento dizia respeito diretamente a minha vivência esportiva e, acrescento, a maneira como essa me subjetivou. Ouso aqui fazer um paralelo entre a ficção criada pelo narrador do livro acima citado e a produção desse escrito acadêmico. Nem de longe minhas memórias são tão duras e amargas, o paralelo com o livro não é esse, mas sim a

¹⁹ Em esportes como natação, ciclismo ou corrida *sprint final* é como se costuma chamar o momento derradeiro da prova, quando o atleta dá o máximo de si nos momentos finais até a chegada. Dessa forma, o atleta conclui determinada prova ou campeonato, atinge um objetivo – ou não – para logo após traçar outro e buscar aquilo que ainda falta... Pois recordando os tempos em que a piscina era minha morada é esse o espírito desta “conclusão”.

possibilidade de através da escrita se haver com questões importantes da própria história para talvez a inventar e vivenciá-la de uma maneira outra. O ir além, sobre o qual falei como sendo uma meta no mundo esportivo, o extrapolar o limite do corpo, o submeter-se sacrificialmente ao discurso do treinamento, em algum ponto de minha história, foi extremamente doloroso. Então, em dado momento urgiu pensar o que restava de valioso ou valoroso nessa experiência.

É possível conduzir a melhor performance sem objetizar o sujeito? Sem que ele esteja numa posição de objeto? Fazendo um paralelo com a questão levantada por Barbanti (2000) - o que resta da arte como utopia quando submetida cegamente à técnica? - lancei a questão: o que resta da utopia esportiva quando a técnica auxilia na busca eterna da superação? O esporte ainda cumpre uma função no laço social? São questões sobre as quais me debrucei ao longo da dissertação.

A reflexão que pude construir ao longo desse trabalho me permite pensar o quanto o ideal de superação, que propus como sendo a utopia esportiva, realmente em algum momento pode constituir-se num imperativo bastante cruel. Este "ideal da alta performance custe o que custar" que atravessa o esporte de alto rendimento faz parte de toda a rede discursiva que nos enlaça, e, estando fortemente presente no discurso social, podemos pensar que se constitui como um sintoma desse. Numa formulação radical, Lacan afirma que o inconsciente é o social, logo o sintoma como uma formação deste também. Como coloca Bellini (1998):

Na medida em que conseguimos conceber a influência de formas socialmente dominantes de representar o inconscientizado, se torna impossível escutar apenas como individuais, singulares, os sintomas que nos são referidos singularmente, porque este sujeito também está enlaçado no discurso civilizador. (p. 249).

Ao deixar atravessar a minha reflexão e escrita, tanto a minha própria experiência como atleta quanto a escuta de esportistas, ia se consolidando a

hipótese da possibilidade de resistência do sujeito que o permitisse buscar o feito atlético ainda como sujeito de desejo. Freud, em *Psicologia de Grupo e análise do Ego* (1922), explicita que a busca de ideais sobre os quais nos constituímos não é necessariamente uma “colagem”

Cada indivíduo é uma parte componente de numerosos grupos, acha-se ligado por vínculos de identificação em muitos sentidos e construiu seu ideal do ego segundo os modelos mais variados. Cada indivíduo, portanto, compartilha de numerosas mentes grupais – as de sua raça, classe, credo, nacionalidade etc. – podendo também elevar-se sobre elas, na medida em que possui um fragmento de independência e originalidade. (p.139).

Pois esse fragmento de independência e originalidade dá espaço a um processo de resistência, de criatividade, o que nos permite pensar que, ainda que o esporte de alto rendimento tenha uma dimensão alienante que se coaduna com valores da sociedade capitalista contemporânea, há um espaço possível de preservação do "sujeito-atleta". Nesse sentido, penso que quando a psicanálise atravessa a escuta do esporte como um discurso do social ou mesmo a escuta do atleta, contribui como ponto de resistência ao "atleta-máquina" dando a ver o sujeito de desejo implicado na sua prática.

Atualmente é impossível pensar o homem sem todas as tecnologias que o circundam e assim também o é no esporte. Dos programas de computador que auxiliam no *scout* do jogo às roupas e acessórios especiais, tudo isso já é parte do cenário esportivo contemporâneo. Não se trata de atacar ingenuamente tudo que não é “natural” ao homem e sim, de uma posição ética que, a meu ver, necessariamente deveria ser tomada por todos os atores envolvidos no esporte espetáculo – equipe técnica, dirigentes, patrocinadores – que permita dar-se conta de que:

Depende de nós, agindo politicamente, ou que não haja nenhum homem-máquina, ou que ele seja ao amável quanto o homem de lata do Mágico de Oz, que acaba ganhando um coração no final da jornada. É o homem como autor do seu destino... (ROUANET, 2003, p.62).

Nesse sentido, meu pensamento vai ao encontro do que indica Poli (2006) “Hoje, aprender os benefícios da ciência sem dispensar a experiência singular é a principal tarefa ética dos psicanalistas no exercício de sua prática clínica e em suas intervenções na cultura.” (p.42).

O esporte desempenha uma importante função no laço social. Além de ser fonte de prazer e divertimento para os que assistem a ele ou o praticam, possui uma poderosa via educativa e política. É sim capaz de protagonizar uma utopia social tanto no sentido da congregação como no da competição, capaz de impulsionar a busca de algo que nos move, uma realização outra.

No entanto, restam dúvidas: estando o atleta de alto rendimento nessa posição de poder resistir sustentar-se-á a busca eterna da melhor performance? Como isso repercute no montante de dinheiro investido nesse esporte?

É a esperança, ensina-nos Bloch (2002), que impulsiona o sonho utópico. A utopia que vislumbro neste trabalho é justamente essa possibilidade de o atleta não figurar como objeto no alto rendimento, de o esporte não ter seus nobres valores corrompidos pelo capital, e, enfim, de que o desenvolvimento científico, capaz de criar novas tecnologias esportivas, não substitua o atleta como personagem principal.

Referências Bibliográficas

ARAGÃO e RAMIREZ, Fernanda de. **Transferência em jogo: considerações psicanalíticas sobre o "inter-dito" em pedagogia do esporte**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica (1936). In: Obras escolhidas. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 165-196.

BARBANTI, Roberto . L´art techno-cyber: La derive technicienne de l´esprit utopique de lá art du XXe siècle. L´utopie à l´époque de l´ultramedialité. In: BARBANTI, Roberto (org). **L´art au XXe siècle et l´utopie**. Paris: L´Harmattan, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BELLINI, Mára Mirim Mathias . Podemos saber de nossa herança a não ser através de nossos sintomas sociais? In: FLEIG, Mario (Org). **Psicanálise e Sintoma Social**. Livro 2. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1998.

BIRMAN, Joel. O objeto teórico da Psicanálise e a pesquisa psicanalítica. In: **Ensaio de Teoria Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, pp.12-24.

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Vol.1 Rio de Janeiro: ed. UERG: Contraponto, 2005.

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Vol.2 Rio de Janeiro: ed. UERG: Contraponto, 2006.

BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. Vitória: UFES, 1997.

BRECHT, Bertold. A exceção e a Regra (1956). In: **Antologia Poética**. Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/brechtantologia.htm>. Acesso em: 10 de outubro de 2007.

CARREIRA, Alessandra Fernandes. O mito individual como estrutura subjetiva básica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, vol.21, no.3, p.58-69, Sept. 2001.

COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. Bioarte – Estéticas de Corpos Mutantes. In: **Publicação do Ciberpesquisa - Centro de Estudos e Pesquisas em Ciberultura**. ano 6, vol 1, n. 58 novembro-dezembro/2006. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und>>. Acesso em: 10 out. 2007.

CUNHA, Tito Cardoso e. Do mito coletivo ao mito individual. In: LACAN, J. **O Mito Individual do Neurótico** (1953). Lisboa: Assírio & Alvim, 1987.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAS, Mariana Hollweg ; TEIXEIRA, Marco . Psicologia do Esporte e jovens tenistas: relato de uma experiência. **Psico (PUCRS)**, Porto Alegre, v. 37, n.2, p. 191-198, 2006.

DUNNING, Eric. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, Norbert, DUNNING, Eric. **A Busca da excitação**. Lisboa: Difel 82, 1992.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da excitação**. Lisboa: Difel 82, 1992.

ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, Norbert, DUNNING, Eric. **A Busca da excitação**. Lisboa: Difel 82, 1992.

FERNANDES, Maria Helena. **Corpo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FONSECA, Tânia Mara Galli et al. Pesquisa e acontecimento: o toque no impensado. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.11, n.3, p. 655-660, set./dez.2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. O uso dos Prazeres e as Técnicas de Si (1983). In: _____ Ditos e Escritos V. Ética, Sexualidade e Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p.192-217.

FREUD, S. Totem e Tabu (1913). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 13 , p. 13-162.

_____. Sobre o narcisismo: Uma Introdução. (1914). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14, p. 47-108.

_____. Psicologia de Grupo e Análise do Ego (1922). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 18, p. 79-143.

_____. O Mal-estar na Civilização (1930). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21, p. 67-153.

GAY, Peter. **A Experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da Beleza Atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KEHL, Maria Rita. O sexo, a morte, a mãe e o mal. In: Nestrovski, A.; Seligmann-Silva, M (org). **Catástrofe e Representação. Ensaios e ficções**. São Paulo: Escuta, 2000. p.137-148.

_____.O Sintoma no Laço Social Contemporâneo. Revista Boletim Formação em Psicanálise., São Paulo, a. x, v. x, jan./dez. 2001

JACOBY, Russel. **Imagem Perfeita – Pensamento Utópico para uma Época Antiutópica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

JAMESON, Fredric. **As sementes do tempo**. São Paulo: Ática, 1997.

LACAN, J. **O Mito Individual do Neurótico** (1953). Lisboa: Assírio & Alvim, 1987.

_____. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como se nos revela na experiência psicanalítica (1949). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. Os Escritos Técnicos de Freud (1953-1954). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995. (O seminário, livro 1)

_____. A Relação de Objeto (1956-1957). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995. (O seminário, livro 4)

LANCRI, Jean. Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas na universidade. In: TESSLER, Elida; BRITES, Blanca.(Org.). **O Meio como ponto zero. Metodologia da pesquisa em Artes Plásticas**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEBRUN, Jean-Pierre. **Um mundo sem limites: ensaio para uma clínica psicanalítica do social**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

MELMAN, Charles. **O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

NASIO, Juan David. Lições Sobre os 7 Conceitos Cruciais da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

NOVAES, M. A. de A. Como se faz corpo? Considerações sobre o ideal em Freud e Lacan. **Pulsional. Revista de Psicanálise**, ano XVIII, n. 182, p. 40-47, junho/2005.

PEREC, Georges. **W ou a memória da Infância**. São Paulo: Schwarcz LTDA., 1995.

POLI, M. C. “Eu não procuro, acho”: sobre a transmissão da psicanálise na Universidade. In: LO BIANCO, Ana Carolina (org). **Freud não explica: a psicanálise na universidade**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2006.

QUINTANA, Mario. **Nova Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Globo, 1985.

REGIS, Vitor Martins. **O acontecimento democracia corinthiana: cartografando estratégias de resistência ao modo de subjetivação capitalístico através do plano das práticas esportivas**. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional,

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

REINACH, Fernando. As pernas de Oscar Pistorius. O Estadão. São Paulo, 24 jan. 2008. (Versão Impressa)

ROSA, M. D. . A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. iv, n. 2, p. 329-348, 2004.

ROUANET, Sérgio Paulo. O homem-máquina hoje. In: NOVAES, Adauto (org). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RÚBIO, Katia. **O Atleta e o Mito do Herói**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

_____ O Trabalho do Atleta e a Produção do Espetáculo Esportivo. **Revista Electronica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v.VI, n.119, agosto 2002. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn119-95.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2002a.

_____ Do Olimpo aos Pós-Olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.16, n.2, p.130-143, ju./dez. 2002b.

_____ Memória e imaginário de atletas medalhistas olímpicos brasileiros. 2004. Tese de livre-docência – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

_____ O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. **Revista Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v.18, n.1, p. 86-91, jan/abr. 2006.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia (org). **Corpo e História**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SANTIN, S. **Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento**. Porto Alegre: Edições EST/ESEF, 1994.

SAUSSE, Simone K. **O Corpo Extremo: corpo não-humano, corpo pós-humano ou corpo demasiado humano?** 2007. Palestra realizada na Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro em 29 de outubro de 2007.

SCLIAR, Moacyr. A Olimpíada em Debate. Zero Hora, Porto Alegre, 12 ago. 2008. Disponível em:
<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default2.jsp?uf=1&local=1&source=a2111969.xml&template=3916.dwt&edition=10462§ion=1006>> Acesso em: 20 ago. 2008.

SFEZ, Lucien. **A Saúde Perfeita. Crítica de uma nova utopia**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

SILVA, Ana Márcia. Das Práticas Corporais ou porque “narciso” se exercita. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, n.17, v. 3, maio, 1996.

SILVA, Athayde Ribeiro da. **Psicologia Esportiva e preparo do atleta**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.

SILVA, Maria Emília Lino da. Natureza e delimitação da pesquisa psicanalítica. In: COUTO, L.F. S. (org). **Pesquisa em Psicanálise**. Coletânea de textos referentes a temas discutidos no VI Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP. Belo Horizonte: SEGRAC, 1996. p.85-91.

SILVA, M. Lúcia; RUBIO, Kátia. Superação no esporte: limites individuais ou sociais. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, 2003, vol. 3, n. 3, p. 69–76.

SOUSA, E.L.A, de. As utopias como âncoras simbólicas. **Correio da APPOA**, Porto Alegre, n.108, p. 24-31, nov.2002.

_____. Por uma cultura da utopia. In: Claudia Mara Boettcher. (Org.). **Unicultura** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002, p. 36-45.

_____. Furos no futuro: Utopia e Cultura. In: Fernando Schüller; Marília Barcellos. (Org.). **Fronteiras: arte e pensamento na época do multiculturalismo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006, p. 167-180.

_____. Uma Invenção da Utopia. São Paulo: Lumme Editor, 2007.

VALLE, Márcia Pilla do. **Atletas de alto rendimento : identidades em construção** . 2003. 97 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e da Personalidade, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

VAZ, Alexandre F. Treinar o corpo, dominar a natureza: Notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Cadernos Cedes*, a xix, n.48, ago. 1999.

_____. Da modernidade em Walter Benjamin: crítica, esporte e escritura histórica das práticas corporais. **Educar**, Curitiba, n.16, p.61-79, 2000.

Fig.1



"Braços Múltiplos" (1982)
STELARC

Disponível em: <http://www.stelarc.va.com.au/photos/index.html>

Fig. 2



Atleta Oscar Pistorius

Disponível em: <http://www.colorado.edu/intphys/research/locomotion.html>